

NOVO TESTAMENTO I

TEOLOGIA ECLESÍASTICA



CNPJ 07.905.126/0001-54

Conhecimento Teológico ao seu alcance!

Prof. Edmilson P. Santana e Márcio Gonçalves

Conselho Editorial

Edmilson P. Santana – Eliel Queres – Thais N. de Araújo

“Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste e de que foste inteirado, sabendo de quem o tens aprendido e que desde a tua meninice sabes as sagradas Escrituras, que podem fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus. Toda a Escritura é divinamente inspirada, e proveitosa para ensinar, Para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça; para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente instruído para toda a boa obra”. 2 Tm 3, 14-17.

“Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar”.

TEOLOGIA ECLESIAÍSTICA

Novo Testamento I

Prof. Edmilson Pereira Santana & Márcio Gonçalves

OS AUTORES

Edmilson Pereira Santana - Pastor na Igreja Congregacional em Inoã - Maricá, casado há de 30 anos com Sandra Queres Santana, pai de Lemuel e Eliel. Bacharel em teologia pelo IBE - RJ em 2004. Licenciado em teologia pelo IBADERJ em 2007 e graduado em teologia pela Faculdade de Ciências, Educação e Teologia em 2011. Pós-graduado em Gestão Estratégia de Pessoas pela Universidade Estácio de Sá & Havard Business School, em 2019. Mestrando em Ciências da Religião pelo CITERJ. Professor e coordenador de cursos teológicos desde 2004. Fundador e diretor geral do Centro Interdenominacional de Teologia do Estado do Rio de Janeiro.

Marcio Gonçalves – Terapeuta familiar. Diretor executivo do Projeto Família em Cristo. Capelão da CAFEBI (Capelania Federal Brasileira e Internacional). Bacharelado em Teologia pelo Instituto Bíblico das Assembleias de Deus do Estado do Rio de Janeiro e licenciado em Teologia pela Faculdade de Ciências, Educação e Teologia – FACETEN.

Professor de diversas matérias teológicas. Idealizador e discipulador da ESCOLA DE MINISTÉRIOS MARCIO GONÇALVES. Líder no MAPI/RJ. (Pastoreio de pastores) na área de famílias e casais pastorais. Palestrante de vários temas cristãos com ênfase em saúde familiar e liderança cristã.

CITERJ

CENTRO INTERDENOMINACIONAL DE TEOLOGIA
DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Reflexão: Escrituras e Teologia

“A bíblia é a Palavra de Deus inerrante e infalível no propósito para a qual seu autor (Deus) a determinou. É suficiente para redimir o homem levando-o de volta a Deus. Nela encontramos consolo e orientações de modo suprir as necessidades do nosso corpo, alma e espírito.

Tendo como fonte primária as escrituras sagradas, a teologia tem por finalidade "melhorar" o entendimento quanto às ideias e temas apresentados na Palavra. Ela auxilia no processo de iluminação das verdades revelada na Palavra. A teologia ainda organiza de modo lógico os assuntos na bíblia; combate pensamentos culturais perniciosos; combate o relativismo cultural; o materialismo; auxilia na consolidação de um caráter genuinamente cristão e no ministério desse exercício. Estude e ame a Palavra de Deus. O Espírito Santo que está entretecido nela o iluminará. Nunca, porém despreze a ferramenta para tal: **a Teologia.**”

Edmilson P. Santana

Diretor Geral

DIRETORIA EXECUTIVA 2023

Coordenação Pedagógica: Pr. Alexssandre Borges

Coordenação Geral: Eliel Queres

Secretaria: Maria Jerônimo

Coordenação de Pós-graduação: Dra. Thais Araújo

Diretor Geral: Pr. Edmilson P. Santana

CONSELHO ACADÊMICO

Rev. Jonas Rosa Murta

Pr. Vanildo Severiano

Demais membros:

Dr. Marinaldo Geremias
Pra. Aida Correa da Conceição
Dra. Thais N. de Araújo

Dr. Marcio Lima
Pr. Miguel Pereira Pinto
Dr. Zenóbio da Fonseca

“Procura apresentar a Deus aprovado, como obreiro que não tem do que se envergonhar”

O Centro Interdenominacional de Teologia do Estado do Rio de Janeiro – CITERJ, nasceu do desejo de seus fundadores – *Edmilson Pereira Santana*, pastor, bacharel em Teologia pelo IBE em 2004 e licenciado em Teologia pelo IBADERJ em 2007. Graduado em teologia pela Faculdade de Ciências, Educação e Teologia em 2011, pós graduado em Gestão Estratégia de Pessoas pela Universidade Estácio de Sá & Havard Business School, em 2019 e mestrando em Ciências da Religião pelo CITERJ ; *José Pedro de Assis*, (*In memorian*) pastor da Igreja Congregacional Missionária Ministério do Evangelho Integral em Inoã - Maricá - RJ, mestre em Ciências da Religião pelo Seminário Teológico Congregacional do Estado do Rio de Janeiro - SETECERJ, graduado em História pela Universidade Federal Fluminense - UFF, pós-graduado em Ciências Políticas pela Universidade Metodista BENNETT - RJ e História do Brasil pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ e *Alanir Moraes*, pastor da igreja Metodista em Rio do Ouro SG-RJ, bacharel em Teologia pela Universidade Metodista BENNETT, com especialização em capelania pela Faculdade de Educação e Teologia - Faculdade Universal- FATUN-RJ, e pós-graduando psicanálise clínica, pela sociedade psicanalítica Brasileira.

Os três professores e homens de Deus acima desejavam implantar em sua comunidade um curso teológico de linha interdenominacional, emanados do desejo e paixão dos mesmos pelo estudo e ensino teológico.

Após diversas reuniões promovidas por eles, e reunindo os líderes de diversas igrejas da comunidade e adjacências, num espaço de aproximadamente quase dois anos, nasce o CITERJ.

O CITERJ surgiu em parceria com a AECB – Aliança Eclesiástica Congregacionalista Brasileira – um órgão já instituído há tempos, com intuito também em seu estatuto de organizar um seminário de estudos teológicos.

A diretoria do CITERJ é formada por um colegiado composto por 1 Diretor Geral, 1 Coordenador Pedagógico, 1 Coordenador Administrativo, 1 Coordenador de Pós-graduação e um Conselho Acadêmico formado por pastores de diversas igrejas e denominações.

Que Deus continue abençoando o propósito destes homens de Deus e os conduzam no caminho que devam andar. Que conservem a boa e correta interpretação das escrituras em seus ensinos por onde quer que o CITERJ chegue.

Deus abençoe.

Pr. Miguel Pereira Pinto

Presidente da AECB

SUMÁRIO

ASSUNTOS	PÁG
<i>Introdução: Contexto histórico</i>	06
<i>O Evangelho de Marcos: Autoria, o problema do final mais longo, propósito, fontes, data, local de escrita, esboço.</i>	19
<i>O Evangelho de Mateus: Local, propósito, data, autoria, para quem escreveu, esboço.</i>	25
<i>O Evangelho de Lucas: autoria, data, fontes, para quem escreveu, propósito, características, esboço.</i>	29
<i>O Evangelho de João: Autoria, data, fontes, propósito, esboço.</i>	35
<i>Introdução a Atos dos Apóstolos: Título, autor, data, tema, fonte, propósito, divisão básica, divisão por resumo.</i>	40
Conclusão:	79
Bibliografia	82

I-INTRODUÇÃO:

Panorâmico Histórico no N.T

Gálatas 4.4 diz: *"Mas, quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher..."*

Um dos significados mais aceitos pelos estudiosos a esta "plenitude do tempo" é tempo determinado e adequado. Ou seja. Cristo veio em um tempo perfeitamente adequado para a realização dos planos divinos. Com isso devemos perguntar: Como era este tempo quando Cristo chegou? E que eventos ocorreram para que este tempo se apresentasse adequado assim?

Não temos nas escrituras nenhuma revelação registrada desde Malaquias até chegar João Batista. Razão pela qual estes 400 anos são chamados anos de silêncio. Por isso temos que recorrer a história geral para compreendermos como Deus conduziu a história para que Seu Filho chegasse à plenitude dos tempos.

Antes de penetrarmos no Novo Testamento, precisamos conhecer o panorama político, religioso, cultural, social e outras peculiares dos povos que compunham a história do Novo Testamento voltando até o período inter-bíblico (ou intertestamentário).

Perceberemos que os chamados "anos de silêncio", (c. 432-5 a.C.) foram tudo, menos silenciosos. Os acontecimentos, os escritos e as forças sociais desses anos moldariam o mundo do NT.

Os períodos persa, grego, macabeus e romano, fazem parte do contexto histórico-político que denotaram em muitas modificações para que se entenda a história dos filhos de Israel.

➤ O PERÍODO PERSA (538-331 a.C)

Com o cativeiro babilônico em 587 a.C (2Cr.36.20), Israel cessou de ser nação independente e tornou-se território de categoria inferior dentro de uma sucessão de impérios cada vez maiores. O rei Ciro (rei da Pérsia. Atual Irã)

conquistou a Babilônia em 538 a.C. tornando-se assim a nova potência mundial. Pouquíssimo se sabe a respeito dos últimos anos do domínio persa, porque o historiador judeu Josefo, fonte primordial de informação sobre o período intertestamentário, quase nem mesmo os leva em conta.

Ao que parece na política dos persas (pelo menos com Ciro) os cativos gozavam de certos privilégios. Segundo a história Ciro respeitava outras religiões e teria favorecido o retorno de Israel para reconstrução da cidade e do templo. Mas segundo as profecias de Isaías (Is.44.28; 45.1) e as narrativas bíblicas (2Cr.36.22), isso vinha do próprio Senhor Deus de Israel.

➤ O PERÍODO GREGO (331-167 a.C)

Alexandre subiu ao trono da Macedônia depois da morte do seu pai Filipe II, em 336 a.C. Alexandre tinha 20 anos e, sob Aristóteles como seu último tutor, tinha recebido a melhor educação da sua época. Na época em que Alexandre chegou ao poder, os judeus estavam sob o domínio do império Persa. Dois anos após subir ao trono, Alexandre iniciou uma campanha militar contra o império persa. Alexandre era um comandante brilhante e versátil. Ele venceu batalha após batalha na Ásia Menor, Fenícia, Palestina, Egito, Babilônia, avançando para o leste até o rio Indo.

Alexandre tratava as religiões locais com muito respeito. Após derrotar Dario, rei da Pérsia, casou-se com sua filha e outra princesa da realeza. Para Alexandre estes casamentos eram símbolo da união entre a Macedônia e o Oriente.

A cultura grega, intitulado helenismo, há tempos se vinha propagando mediante o comércio e a colonização gregos, mas as conquistas de Alexandre proveram um impulso muito maior do que havia antes. O helenismo teve impressionante impacto sobre os judeus. O idioma grego tornou-se a língua franca, a língua comumente usada no comércio e na diplomacia. Ao aproximar-se a época do Novo Testamento, o grego era a língua comumente falada nas ruas até da própria Roma. Alexandre fundou setenta cidades, moldando-as conforme o estilo grego. Ele e os seus soldados contraíram matrimônios com mulheres orientais. E assim foram misturadas as culturas grega e oriental.

Após a morte de Alexandre, com 33 anos em 323 a.C, seus principais generais dividiram o império em quatro porções, duas das quais são importantes no pano de fundo do desenvolvimento histórico do Novo Testamento – a porção dos Ptolomeus e a dos Selêucidas. Estes dois formaram dinastias — os Ptolomeus no Egito e os Selêucidas na Síria e na Mesopotâmia — que por mais de um século lutariam entre si pelo controle da Palestina.

O governo dos Ptolomeus levava em consideração a sensibilidade religiosa dos judeus, mas em 198 a.C. os Selêucidas assumiram o controle, sendo a causa indireta de um dos períodos mais heroicos da história judaica.

➤ ANTIOCO EPIFÂNIO

Os primeiros anos do governo selêucida foram, em grande parte, continuação do governo tolerante dos Ptolomeus, mas Antíoco IV Epifânio (cujo título significa “Deus manifesto”, tendo reinado de 175 a 164 a.C.) mudou essa situação quando tentou consolidar seu império enfraquecido mediante uma política de helenização radical. Embora um segmento da aristocracia judaica já tivesse adotado costumes gregos, a maioria dos judeus sentiu-se ultrajada.

As atrocidades de Antíoco visavam à erradicação da fé judaica. Ele proibiu alguns dos elementos centrais da prática do judaísmo, procurou destruir todos os exemplares da Torá (o Pentateuco) e exigiu oferendas ao deus grego Zeus. O insulto máximo por ele perpetrado foi levantar uma estátua de Zeus e sacrificar um porco no próprio templo em Jerusalém.

➤ A SEPTUAGINTA

Uma lenda judaica afirma que 72 estudiosos patrocinados por Ptolomeu Filadelfo (c. de 250 a.C.) foram agrupados na ilha de Faros, próxima a Alexandria, para em 72 dias produzirem uma tradução do AT para o grego. Com base nessa tradição, a palavra latina que significa setenta, “septuaginta”, serviu para vincular-se ao nome dessa tradução. A forma abreviada do título, LXX, é o numeral romano equivalente ao arábico 70.

Por trás da lenda existe a probabilidade de que pelo menos a Torá (os cinco livros de Moisés) tenha sido traduzida para o grego por volta de 250 a.C. para uso dos judeus de fala grega em Alexandria. O restante do AT e alguns livros não-

canônicos também foram incluídos na LXX antes do raiar da era cristã, embora seja difícil apurar exatamente quando.

A Septuaginta rapidamente se tornou a Bíblia dos judeus fora da Palestina, uma vez que eles, assim como os de Alexandria, já não falavam o hebraico. Seria difícil superestimar a sua influência. Colocou as Escrituras ao alcance dos judeus que já não falavam o seu idioma ancestral bem como da totalidade do mundo de fala grega. Posteriormente, tornou-se a Bíblia da igreja primitiva. Além disso, sua popularidade e seu uso generalizado contribuíram para a manutenção dos apócrifos em alguns ramos da cristandade.

➤ OS MACABEUS (167- 63 a.C)

A oposição a Antíoco foi comandada por Matatias, aldeão idoso pertencente a uma família sacerdotal, junto com seus cinco filhos: Judas (Macabeus), Jônatas, Simão, João e Eleazar. Matatias destruiu um altar grego estabelecido na sua aldeia, Modein, e matou o emissário de Antíoco. Assim começou a revolta dos macabeus, guerra de 24 anos de duração (166-142 a.C.), que resultou na independência de Judá até que os romanos assumissem o controle em 63 a.C. A Revolta dos Macabeus, entretanto, foi também uma guerra civil deflagrada entre os judeus pró-helenistas e anti-helenistas. O conflito prosseguiu mesmo após a morte de Antíoco Epifânio (163 A.C.).

➤ PERÍODO ROMANO (63 a.C – 5 d.C.)

Pompeu, o general que subjuguou o Oriente para Roma, tomou Jerusalém depois de sitiar a área do templo por três meses, massacrou os sacerdotes em plena exoneração de suas funções e entrou no Santo dos Santos. Esse sacrilégio deu início ao domínio romano de maneira imperdoável e inesquecível para os judeus.

Roma passou de um período de expansão territorial para o período de paz, o que se tornou conhecido como Pax Romana. A unidade prevalente e a estabilidade política do mundo civilizado sob a hegemonia de Roma facilitaram a propagação do cristianismo, quando de seu aparecimento.

Augusto estabeleceu um sistema provincial de governo, cujo desígnio era impedir que os pros cônsules administrassem territórios estrangeiros visando ao

seu engrandecimento pessoal. Havia dois tipos de províncias, as senatoriais e as imperiais. Os pros cônsules, nomeados pelo senado romano para governar as províncias senatoriais, usualmente pelo termo de apenas um ano, prestavam contas ao senado. Paralelamente aos pro cônsules havia os delegados, nomeados pelo imperador, os quais de modo geral se ocupavam de questões financeiras. Os procuradores governavam as províncias imperiais. Nomeados pelo imperador, os procuradores eram responsáveis perante ele, e exerciam a sua autoridade civil e militar por meio de exércitos permanentes.

➤ IMPERADORES ROMANOS

Os imperadores romanos seguintes, alistados com as datas de seus respectivos governos, estão vinculados às narrações do Novo Testamento:

- Augusto (27 A.C. - 14 D.C.), sob quem ocorreram o nascimento de Jesus, o recenseamento ligado ao Seu nascimento, e os primórdios do culto ao imperador;
- Tibério (14-37 D.C.), sob quem Jesus efetuou o Seu ministério público e foi morto;
- Calígula (37-41 D.C.), que exigiu que se lhe prestasse culto e ordenou que sua estátua fosse colocada no templo de Jerusalém, mas veio a falecer antes que sua ordem fosse cumprida;
- Cláudio (41-54 D.C.), que expulsou de Roma os residentes judeus, entre os quais estavam Áqüila e Priscila, por motivo de distúrbios civis;
- Nero (54-68 D.C.), que perseguiu os cristãos, embora provavelmente somente nas cercanias de Roma, e sob quem Pedro e Paulo foram martirizados;
- Vespasiano (69-79 D.C.), o qual, quando ainda general romano começou a esmagar uma revolta dos judeus, tornou-se imperador e deixou o restante da tarefa ao encargo de seu filho, Tito, numa campanha que atingiu seu clímax com a destruição de Jerusalém e seu templo, em 70 D. C.;

- Domiciano (81-96 D.C.), cuja perseguição contra a Igreja provavelmente serviu de pano-de-fundo para a escrita do Apocalipse, como encorajamento para os cristãos oprimidos.

➤ HERODES O GRANDE

Os romanos permitiam a existência de governantes nativos vassalos de Roma, na Palestina. Um desses foi Herodes o Grande, que governou o país, sob os romanos, de 37 a 4 A.C. Seu pai, Antípater, tendo subido ao poder contando com o favor dos romanos, lançara-o numa carreira militar e política.

O senado romano aprovou o ofício real de Herodes, mas ele foi forçado a obter o controle da Palestina mediante o poder das armas. Tendo por antepassados os idumeus (descendentes de Edom, ou Esaú), por isso mesmo não era visto com bons olhos pelos judeus.

Herodes era indivíduo astuto, invejoso e cruel; assassinou a duas de suas próprias esposas e pelo menos a três de seus próprios filhos. Foi ele quem ordenou a matança dos infantes de Belém, em consonância com a narrativa da natividade por Mateus. De certa feita Augusto disse que era melhor ser um porco de Herodes que um filho seu (jogo de palavras, porquanto no grego as palavras que significam porco e filho são muito parecidas).

Mas Herodes era igualmente um governante eficiente e um consumado político, tendo conseguido sobreviver às lutas pelo poder nas camadas mais altas do governo romano. Por exemplo, ele trocou de lealdade a Marco Antônio e Cleópatra em prol de Augusto, e conseguiu convencer a este último de sua sinceridade.

A administração de Herodes se caracterizava por polícia secreta, toque de recolher e pesados impostos, apesar de também ser distribuído cereal gratuito em períodos de fome e vestes grátis quando de outras calamidades. Entre seus muitos projetos de edificação, sua maior contribuição para os judeus foi o embelezamento do templo de Jerusalém. Isso não expressava sua participação na fé judaica (ele não acreditava nela), mas foi uma tentativa de conciliar seus súditos.

O templo de Jerusalém, decorado com mármore branco, ouro e pedras preciosas, tornou-se proverbial devido ao seu esplendor: "Quem jamais viu o templo de Herodes, nunca viu o que é belo." Herodes o Grande morreu de hidropisia e câncer nos intestinos, em 4 A.C. Ele baixara ordens para que fossem executados determinados líderes judeus por ocasião de seu falecimento, a fim de que, embora não houvesse lamentações por motivo de sua morte, pelo menos as houvesse quando de sua morte. Mas tal ordem pereceu juntamente com ele.

➤ POPULAÇÃO JUDAICA

Tem-se calculado que mais de quatro milhões de judeus viviam no Império Romano durante os dias do Novo Testamento, talvez 7% da população total do mundo romano. Mas dificilmente o número de Judeus que viviam na Palestina atingia a setecentos mil. Havia mais judeus em Alexandria, no Egito, do que em Jerusalém; e mais na Síria do que na Palestina! E mesmo em certas porções da Palestina (na Galileia, onde Jesus se criou, e em Decápolis) os gentios eram mais numerosos do que os judeus.

➤ IDIOMA

O latim era a língua oficial do império romano, mas era o idioma usado principalmente no ocidente. No oriente, a língua franca (idioma comum) era o grego. Além do grego, os habitantes da Palestina falavam o aramaico e o hebraico, pelo que também Jesus e os primeiros discípulos provavelmente eram trilingües. (Uma opinião comum, mas provavelmente errada é que Jesus falava quase exclusivamente o aramaico. As evidências arqueológicas e literárias apontam para o trilingüismo. Ver R. H. Gundry, "The Language Milieu of First-Century Palestine", *Journal of Biblical Literature*. 83 (1964), ps. 404-408.)

➤ ESTRADAS

No campo dos transportes, do comércio e das comunicações a Palestina era bem pouco desenvolvida. Provavelmente o país não possuía estradas pavimentadas, embora houvesse diversas estradas principais. Embora na Palestina o sistema de estradas fosse comparativamente deficiente, por quase todo o império romano as rodovias eram famosas com razão. Eram construídas tão retas quanto possível, e muito duráveis. O correio imperial transportava despachos

governamentais por essas estradas. As pessoas viajavam a pé, em lombo de burro, a cavalo ou montadas em mulas, e usavam carruagens ou liteiras. Visto que as hospedarias à beira do caminho eram bastante sujas, as pessoas de posses dependiam de seus amigos para se alojarem. Era possível adquirir-se mapas de turismo em forma de manuscritos, e até havia manuais de orientação para os turistas.

➤ SERVIÇOS PÚBLICOS

Alexandria contava com um bem desenvolvido sistema escolar. A biblioteca da cidade continha acima de um milhão de volumes. As escavações têm demonstrado que a cidade de Antioquia, na Síria, dispunha de dois quilômetros e meio de ruas dotadas de colunas, pavimentadas de mármore e com um completo sistema de iluminação noturna. As principais cidades do império contavam com sistemas de esgotos subterrâneos. Havia banhos públicos para todos: a admissão custava dez centavos. A princípio as pessoas costumavam tomar um banho só por dia; mais tarde, entretanto, alguns já estavam tomando quatro a sete banhos diários. Os banhos de chuveiro desde há muito tinham sido inventados pelos gregos.

➤ AS MORADIAS

As casas de moradia da porção ocidental do império romano eram construídas de tijolos ou de concreto, pelo menos nas cidades. Os bairros mais pobres e as áreas rurais contavam com casas de madeira ou cabanas. Na porção oriental do império, as casas usualmente eram de estuco e de tijolos cozidos ao sol. Poucas janelas se abriam para a rua, porquanto nas cidades havia falta de um adequado policiamento que impedisse os assaltantes de vaguearem pelas ruas à noite ou penetrarem nas residências através das janelas. Depois da porta havia o vestíbulo, além do qual se encontrava um espaçoso pátio central chamado *atrium*. Os telhados eram cobertos de telhas ou de palha. Na cozinha havia uma fornalha aberta, além de um forno de barro ou de pedras, que servia de fogão. Lâmpadas de azeite proviam iluminação. Serviços de encanamento de água e de aquecimento já eram bem desenvolvidos. Algumas casas contavam com uma fornalha central, de onde o ar era bombeado por meio de foles para diversas partes delas. Muitos lavatórios romanos dispunham de água corrente, e as casas

de Pompéia eram construídas com pelo menos um banheiro, e às vezes até dois. As paredes eram decoradas com murais. As cidades e as moradias da Palestina eram um tanto diferentes de suas congêneres greco-romanas, e eram comparativamente atrasadas.

II- O CÂNON E O TEXTO DO NT

O Cânon do Novo Testamento consiste dos livros aceitos pela Igreja primitiva como Escrituras divinamente inspiradas. O termo cânon a princípio significava vara de medir, mas terminou adquirindo o sentido metafórico de padrão.

A bíblia dos primeiros cristãos, ou seja, o Antigo Testamento em grego era a septuaginta. Assim sendo, eles dependiam do Antigo Testamento, de uma tradição oral acerca dos ensinamentos e da obra redimidora de Jesus, e de revelações diretas da parte de Deus, por meio dos profetas cristãos. Antes de serem colecionados para formação do Novo Testamento, escritores cristãos haviam produzido alguns outros livros. Livros como as epístolas de Paulo e os evangelhos receberam reconhecimento canônico de imediato. Mas uma autoria incerta levou outros livros, como Hebreus, a serem postos em dúvida por algum tempo.

Os concílios eclesiásticos dos séculos IV e V D.C. meramente formalizaram a crença e a prática então existente, no que concerne ao cânon do Novo Testamento. Somos levados a crer que Deus guiou providencialmente a Igreja primitiva em sua avaliação de vários livros, pelo que aqueles que realmente foram inspirados tornaram-se aceitos, ao passo que aqueles que não eram inspirados, embora ocasionalmente aceitos como dotados de nível não-autoritativo, foram rejeitados do cânon. O processo de seleção precisou de algum tempo, e levantaram-se diferenças de opinião. Porém, podemos estar gratos porque a Igreja primitiva não aceitou certos livros sem a devida avaliação, e, algumas vezes, sem debate.

Diversos critérios são citados como meios de regulamentar o Canon do Novo Testamento, O critério mais importante - de fato, crucial - era o da apostolicidade,

isto é, autoria da parte de um apóstolo ou de um associado de algum dos apóstolos, e, por conseguinte, também haver sido escrito numa data dentro do período apostólico. Marcos foi companheiro tanto do apóstolo Pedro quanto do apóstolo Paulo. Lucas foi companheiro de Paulo. E quem quer que tenha sido o autor da epístola aos Hebreus, exibe contatos teológicos bem próximos de Paulo. Tiago e Judas eram meio-irmãos de Jesus, associados dos apóstolos na primitiva igreja de Jerusalém. Tradicionalmente, todos os demais autores cujas obras fazem parte do Novo Testamento eram apóstolos - Mateus, João, Paulo e Pedro.

O próprio Jesus asseverou a total autoridade do Antigo Testamento como Escritura. (Mt.5.17-19; Jo.10.35) Outrossim, conferiu às Suas próprias palavras e ações um privilégio igualmente autoritativo. (Mt.5.21,27,31,33,38,43; Mc.1.22,27; Lc.4.32,36) e prometeu aos apóstolos que o Espírito Santo haveria de relembrar-lhes o Seu ministério, ensinando-lhes a significação do mesmo (João 14:26; 16:12-15). O cânon do Novo Testamento, pois, é o registro e a interpretação autoritativos da revelação que Deus fez de Si mesmo por meio de Jesus Cristo - um registro interpretativo autenticado pelo nosso Senhor em pessoa, cuja perspectiva acerca de Suas próprias palavras e ações, agora escritas e explanadas pelos apóstolos e seus associados, certamente não era menos que Sua perspectiva acerca do Antigo Testamento como a Palavra de Deus.

O papiro foi o material de escrita da maioria, e, talvez, de todos os nossos livros do Novo Testamento. Conforme a natureza sacrossanta do Novo Testamento foi sendo mais e mais sentida e a Igreja se foi desenvolvendo, material de escrita de melhor qualidade e de maior durabilidade passou a ser usado, como o velum (pele de vitela) e o pergaminho (pele de carneiro).

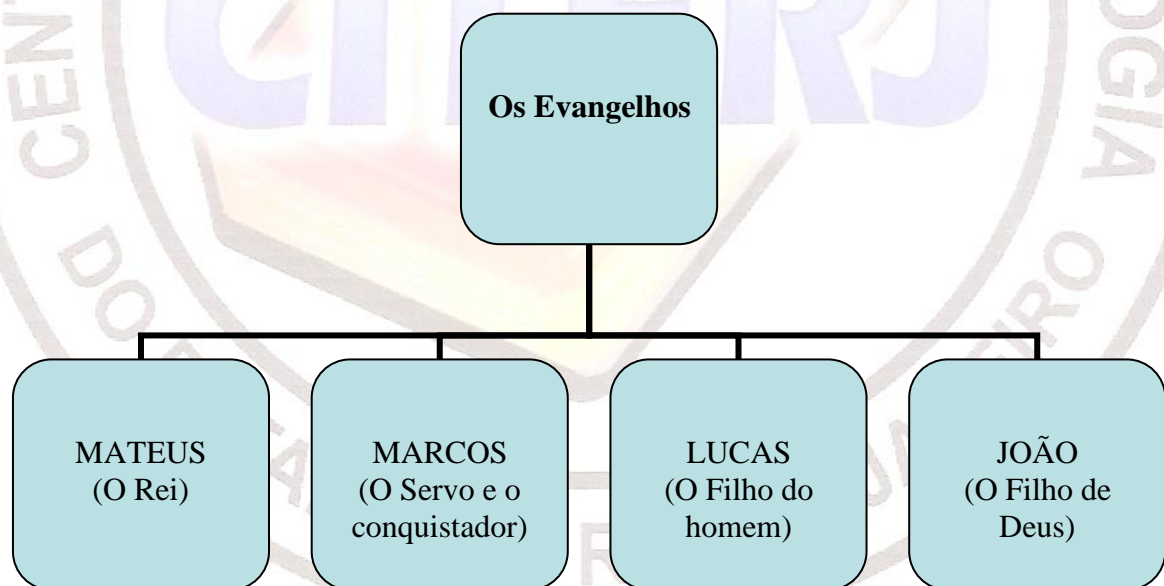
É improvável que os escritores tivessem em mente que seus escritos seriam considerados universalmente sagradas, embora tivessem consciência que fossem consideradas inspiradas por Deus (2Pe.3.16; 1Ts.5.27; Cl.4.16; 1Co.14.37; Ap.1.3,11). Eles escreviam para suprir necessidades peculiares dos primeiros leitores. Não há dúvidas que foram guiados pelo Espírito Santo para tal.

2.1 OS EVANGELHOS

A palavra evangelho é derivada do grego **εὐαγγέλιον**. Entre os cristãos primitivos, esse termo denotava as boas novas de salvação realizada por Jesus Cristo. Por volta de 150 d.C esses escritos denominados de evangelhos, começaram a designar como sendo os escritos do N.T que contam a história mais precisamente da vida terrena de Jesus.

Uma pergunta que se faz é porque há quatro evangelhos? Uma das respostas sugeridas por diversos estudiosos da área é que por ter havido naquele tempo quatro representantes do povo, a saber: os judeus, os romanos, os gregos e a Igreja. Assim, cada escritor se direcionava a um tipo de povo mais especificamente.

O evangelho de Mateus tratava com os judeus – pois esses aguardavam a vinda do messias prometido. Marcos se direcionava aos romanos. Lucas escrevia para os gregos, um povo que buscava a perfeição. João escrevia para a Igreja e preocupava-se em alcançar a todos esses grupos inseridos na Igreja.



A pluralidade das narrativas da vida terrena de Jesus depara-se com alguns problemas, como o literário, teológico e outros. Muitas tentativas foram feitas para harmonizar esses problemas entre as narrativas. No séc. II Taciano compôs uma harmonia evangélica e Marcião mesclou três em apenas um, Lucas. A igreja, contudo, aceitava os quatro e recusava as junções. Ela entendia que se tratava de quatro testemunhos sobre o mesmo episódio, de uma só notícia (as boas novas),

porém vistas por ângulos diferente de quem os narrava; para tal denominava evangelho *segundo Mateus, segundo Marcos...* entre outros.

2.2 O PROBLEMA SINÓTICO

O adjetivo Sinótico vem do grego *synopsis* que significa ver em conjunto. Foi observada nas narrativas dos evangelhos o que foi denominado problema sinótico, que consistia na contemplação de uma deflagrada semelhança entre os três primeiros evangelhos, Mateus, Marcos e Lucas; ao contrário que tal coisa não era detectada na narrativa de João, pois diferenciava das três.

Os estudiosos do Novo Testamento perceberam que 94 a 95% do Evangelho de Marcos são reproduzidos em Mateus e Lucas. Extraíndo-se todo o material comum aos três sinóticos, verifica-se que cerca de 250 versículos de Mateus e Lucas, não é encontrado em Marcos. Ainda foi observado que a ordem geral da narrativa dos acontecimentos é seguida. Há semelhança das narrativas e diferenças de contextos.

Na tentativa de resolver o problema literário dos evangelhos, foram propostas diversas hipóteses:

➤ A hipótese da utilização recíproca.

Argumenta que os três sinóticos se utilizaram reciprocamente, e assim introduziram modificações. Sendo que Marcos utilizara do material de Mateus e Lucas do material dos dois posteriormente.

➤ A hipótese do Evangelho Primitivo.

Argumenta que os três sinóticos remontariam independentemente a uma fonte comum de origem aramaica, que não possuímos mais, e que cada um a usou segundo sua maneira. Este ponto de vista não possui nenhum apoio histórico.

➤ A hipótese das diegeses (dos fragmentos)

Segundo esta teoria os evangelhos sinóticos são constituídos de inúmeros pequenos fragmentos (maços de folhas soltas com vários assuntos a respeito de Jesus) que foram registrados pelos apóstolos e seus ouvintes. A diferença em que

estes fragmentos foram combinados resultaram nas partes similares e diferenças entre os evangelhos. Embora seja possível encontrar alguns fragmentos nos evangelhos de Lc.1.1-4 por exemplo, esta hipótese não resolve toda a questão.

➤ A hipótese da tradição oral.

A teoria enfatiza que o material dos evangelhos foi transmitido oralmente, de boca em boca, antes de ser registrado por escrito, e os evangelistas se teriam simplesmente utilizado essa tradição comum, segundo sua maneira. Embora possa ser em parte verdadeiro, há indicações de fontes escritas. (Lc.1.1-3)

➤ A hipótese das duas fontes.

Ela diz que Mateus e Lucas teriam utilizado além de Marcos, de uma fonte independentemente que seria o mais antigo dos três, sendo este uma fonte comum, hoje perdida. Esta fonte ficou conhecida como Q.

Algumas conclusões dos especialistas no N.T:

1. É quase universalmente aceito que tanto Lucas como Mateus fizeram uso de Marcos na composição de seus evangelhos. É mais coerente entender que os evangelhos foram ampliados a partir de Marcos do que entender que Marcos resumiu Mateus e Lucas. (até porque Lucas mostra que se baseia em outros escritos já completos).
2. É universalmente aceito que o evangelho de Marcos é o mais antigo dos sinóticos.
3. É quase universalmente aceito que Lucas e Mateus utilizaram-se de uma segunda fonte, pois existem material presentes em Lucas e Mateus que não pertencem a Marcos. Essa fonte extra é chamada pelos estudiosos de **Q** (A designação Q usualmente é vinculada ao vocábulo alemão Quelle, que significa "fonte".)
4. É aceito ainda que outras fontes foram usadas em Mateus e Lucas. A fonte M para material somente encontrado em Mateus e fonte L somente para materiais encontrados em Lucas.

5. Também é aceito que aproximadamente 90% de Marcos é reproduzido em Lucas e Mateus.

2.3 A NARRATIVA SEGUNDO MARCOS

O AUTOR

O livro não cita o seu autor nem seus destinatários. Mas o primeiro dos evangelhos a ser escrito deriva seu nome de João Marcos (ou só João), parente de Barnabé (Cl 4.10) e filho de Maria, a qual morava em Jerusalém, em uma casa que dispunha de um “cenáculo onde se reuniam” os apóstolos (At 1.13; 12.12). Foi colaborador de Paulo (At 12.25; 13.5,13; 15.37,39; 2Tm 4.11; Fm 24) e, talvez, discípulo de Pedro, que na sua primeira carta o menciona como “meu filho Marcos” (1Pe 5.13).

O evangelho de Marcos é tido como o evangelho da atividade redentora de Jesus. Marcos não é um historiador, mas um narrador que conta a história como chegou e ele. Por isso com raras exceções, é o evangelho da ação, e não dos longos discursos. Em uma narrativa de movimentos rápidos, Marcos narra as atividades de Jesus na qualidade do poderoso e autorizado Filho de Deus, particularizando Seus milagres de curas e exorcismos. Um advérbio, usualmente traduzido por “imediatamente” ou “logo”, ou alguma expressão semelhante, é a palavra-chave.

É apontado por evidências diversas encontradas em suas narrativas, que provavelmente seria um judeu transplantado em uma comunidade cristã romanizada, ou na própria Roma.

Escreve em grego de forma rude característico (O grego de Marcos é o pior dos sinópticos) de quem está utilizando um idioma que não lhe é próprio. Não se preocupa em precisão cronológica dos acontecimentos. Jesus de Nazaré, o Filho de Deus, é também o Filho do Homem. Participa dos sentimentos humanos e é sujeito ao sofrimento e à morte (8.31). Com consciência da sua natureza humana, exige frequentemente que a sua função messiânica se mantenha em segredo (1.43-44; 5.43; 8.29-30; 9.9,30-31), até que chegue o momento de ser

acreditada pelos padecimentos morais e físicos que ele deverá enfrentar (14.35-36; 15.39).

Segundo os pais da igreja, Marcos coletou material de Pedro. Marcos era intérprete de Pedro e escreveu precisamente aquilo que se lembrava das coisas ditas pelo Senhor. Justino Mártir cita o evangelho de Marcos como "as memórias de Pedro". Clemente de Alexandria diz que Pedro ainda era vivo e verificou a precisão das escritas de Marcos.

O PROBLEMA DO FINAL MAIS LONGO

Os estudiosos tendem a sugerir que Marcos não viveu para terminar seu evangelho ou então seu término perdeu-se muito cedo. Alguns dos melhores manuscritos e traduções antigas terminam em 16:8. Outros acrescentam o "final longo". O final longo parece ter sido a tentativa de algum escriba para criar uma conclusão apropriada, ao resumir as aparições pós-ressurreição, registradas nos outros evangelhos. O final curto, por igual modo, parece não estar revestido de autenticidade. Porém, desconhece-se se esse evangelho termina mesmo em 16:8, ou se o seu verdadeiro final se perdeu.

TEXTO CHAVE: "Pois o filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate de muitos." (10.45)

QUAL O PROPÓSITO DO LIVRO DE MARCOS?

O propósito provável de Marcos é evangelizador. Ele narra a história de Jesus a fim de ganhar convertidos à fé cristã. Houve a necessidade da narração escrita da história do evangelho. Uma vez que era passada a primeira geração de cristãos e de um relato da pregação das testemunhas mais antigas. A teologia de Marcos está ligada com a história, os acontecimentos reais. Para Marcos Jesus é o messias. O livro é uma chamada a fé e ao discipulado.

A mensagem do seu evangelho é mostrar o princípio das boas novas: Jesus Cristo como o Filho de Deus.

EM QUE DATA FOI ESCRITO O EVANGELHO DE MARCOS?

Oscar Cullmann diz que o segundo evangelho durante muito tempo foi considerado como um resumo do primeiro, e que Bossuet o chamava de o "divino

abreviador” por conta disso. Contudo, todas as deduções levam a crer que ele seja o mais antigo dos quatro. De fato, se Lucas encerrou o livro de Atos sem descrever o resultado do julgamento de Paulo em Roma, porquanto tal julgamento ainda não sucedera, então Atos deve ser datado em cerca de 61 D. C., o seu volume anterior e companheiro, o evangelho de Lucas, deve ser datado em pouco antes disso, e, visto que o evangelho de Marcos foi utilizado por Lucas, Marcos deve ser datado ainda em data mais recuada, na década de 50 ou fim da década de 40 D. C.

PARA QUEM MARCOS FOI ESCRITO?

Provavelmente Marcos escreveu para leitores Romanos ou a igreja de Roma. Ele traduziu expressões em aramaico para benefício de seus leitores (3:17; 5:41; 7:34; 14:36 e 15:34). De modo ainda mais indicativo, ele esclareceu expressões gregas com seus equivalentes latinos (12:42 e 15:16). A antiga tradição eclesiástica viu neste Evangelho a influência dos ensinamentos de Pedro, de quem Marcos teria sido discípulo. Em princípio, foi escrito para leitores de origem gentílica, residentes fora da Palestina.

ONDE FOI ESCRITO O EVANGELHO DE MARCOS?

A combinação da declaração de Papias no sentido que Marcos foi o intérprete de Pedro e que segundo Justino Mártir sua fonte principal tenha sido os relatos de Pedro como testemunha ocular do ministério de Jesus, com a antiga tradição sobre o martírio de Pedro em Roma, o evangelho de Marcos foi provavelmente escrito em Roma. (1Pe.5.13)

ESBOÇO DO LIVRO DE MARCOS

Nota: Tomamos como base para elaboração dos esboços dos quatro Evangelhos, as divisões de Broadus David Hale em seu livro Introdução ao Estudo do Novo Testamento – Hagnos. 2001.

I. A INTRODUÇÃO (1: 1-13)

- O Princípio do Evangelho;
- O Ministério do Precursor;
- O Batismo de Jesus;

- A Tentação de Jesus.

II. O MINISTÉRIO DE JESUS NA GALILÉIA (1:14-6:29)

- A pregação na Galiléia;
- A Chamada dos discípulos pescadores;
- Ensino e cura na sinagoga de Cafarnaum;
- Cura da sogra de Pedro e de outros;
- A primeira excursão na Galiléia;
- A cura de um leproso;
- A cura física e espiritual de um paralítico;
- A chamada de Levi;
- A colheita de espigas no sábado;
- A cura de um homem da mão mirrada;
- Ensino e cura de uma grande multidão;
- A Eleição dos doze discípulos;
- Os amigos de Jesus não podem explicar suas obras;
- Os escribas acusam Jesus de discípulo de satanás;
- Sua família pretende levá-lo para casa;
- A parábola do semeador;
- A parábola da semente;
- A parábola do grão de mostarda;
- O método de ensinar por parábolas;
- Jesus acalma a tempestade;
- O endemoninhado de Gadara e a sua cura;
- A filha de Jairo e a mulher do fluxo de sangue;
- A visita de Jesus de Nazaré;
- Jesus ensina os doze e os envia dois a dois;

- Herodes e a morte de João Batista;

III. O MINISTÉRIO DE JESUS EM REDOR DA GALILÉIA (6:30-9:50)

- Jesus alimenta 5.000 pessoas;
- Jesus anda sobre o mar;
- A recepção de Jesus em Genezaré;
- Jesus e a tradição dos anciãos;
- A cura da mulher Siro-fenícia;
- A cura de um surdo-mudo;
- Jesus alimenta 4.000;
- Os fariseus pedem um sinal;
- O fermento dos fariseus e de Herodes;
- A cura de um cego de Batsaida;
- Jesus prova a fé dos doze;
- Jesus anuncia que será rejeitado, morto e ressuscitado;
- O seu Programa para os seus discípulos;
- A transfiguração;
- A cura de um jovem lunático;
- Outro anúncio da morte e ressurreição;
- A grandeza verdadeira;
- Jesus censura o egoísmo

IV. O MINISTÉRIO DE JESUS NO CAMINHO PARA A JUDÉIA (10:1-16:8)

No caminho para Jerusalém:

- No caminho para Jerusalém;
- A pergunta sobre o divórcio;
- Jesus abençoa os meninos;
- A pergunta de um rico;

- A recompensa do discipulado;
- Outro anúncio sobre a morte e ressurreição de Jesus;
- Reprovação da ambição de Tiago e João;
- A cura do cego de Jericó

Em Jerusalém:

- A entrada triunfal;
- Jesus amaldiçoa uma figueira;
- A pergunta sobre a autoridade de Jesus;
- Sobre o tributo;
- Sobre a ressurreição;
- Sobre os mandamentos;
- Sobre o messias e Davi;
- Jesus censura os escribas;
- A oferta da viúva pobre;
- O sermão profético;
- A vinda do filho do homem;
- Preparação certa para a vinda;
- A narrativa da paixão.

V. AS APARIÇÕES DE JESUS (16:9-18)

- A Maria Madalena;
- A dois dos seus discípulos;
- A onze dos seus discípulos.

VI. A ASCENSÃO DE JESUS (16:19,20)

Exercícios:

1. O que você entende por livros sinóticos?
2. Quais as teorias que tentam explicar o problema sinótico? Aponte uma ou mais:
3. O que você entende por teoria dos quatro documentos?
4. Fale sobre a teoria da fonte M:
5. Fale sobre a teoria fonte L:
6. Fale sobre a teoria da fonte Q (Quelle)
7. Fale sobre a autoria do evangelho de Marcos:
8. Fale sobre local e data do evangelho de Marcos:
9. Cite um episódio narrado no Evangelho Marcos na região da Galiléia:
10. Cite um episódio narrado no Evangelho Marcos na região da Judéia:

2.4 A NARRATIVA SEGUNDO MATEUS

O Evangelho de Mateus está separado por assuntos, a redação das narrativas bem elaboradas. O autor faz questão de mostrar o que Jesus pensava para as tradições, frente à lei judaica. Atenta em ressaltar que Ele não abolia o Antigo Testamento, antes, mostra o seu desfecho em sua Pessoa. (Jesus)

Broadus diz que o evangelho de Mateus é o mais judaico dos quatro evangelhos e que também parece ter sido escrito para os cristãos de fala grega. Diz que o livro demonstra a transição da esperança do messias político para o cumprimento dessas profecias em Jesus de Nazaré.

O tema desse evangelho é o “Reino do céu”. A mensagem de Mateus apregoada no seu evangelho é o reino dos céus futuro, mas também mostrava o reino que começava com a vinda de Jesus Cristo. O reino escatológico também é mostrado. Das 16 vezes que a palavra grega *παρουσία* - *parousía*) aparece no novo testamento, 04 delas estão em Mateus (24:3, 27,37 e 39).

A palavra reino com adjetivos qualificativos e pronomes é usada 60 vezes em Mateus, isso para enfatizar a importância do conceito de realeza de Deus e Seu Filho Jesus Cristo. Mateus quis anunciar os feitos de Deus através de seu filho a fim de salvar o homem da situação pecaminosa.

Segundo William Hendriksen, Mateus é *metódico* (caracterizado pela ordem, diferente de Marcos), *atraente* (O livro é simplesmente irresistível), *Voltado ao passado* (As promessas e profecias do Antigo Testamento), *voltado ao presente* (revela a vontade de Deus hoje), *Hebraístico* (caracterizado pelos padrões de pensamento e espírito dos hebreus), *evangelístico* (Com amplo propósito missionário) *Escrito por um homem cujas qualificações correspondiam a esta características.*

Onde foi escrito o Evangelho de Mateus?

O autor do evangelho de Mateus vivia dentro de uma comunidade judaico-cristã. Há bons argumentos a favor de Antioquia da Síria como local em que Mateus foi escrito, local para onde haviam imigrado muitos dos originais discípulos habitantes da Palestina (vide Atos 1 1:19,27). Somado a isso está o fato de que o mais antigo testemunho acerca do conhecimento da existência do evangelho de Mateus nos chega através de Inácio, bispo da igreja de Antioquia.

Propósito

O que importa para Mateus é demonstrar que Jesus de Nazaré é o Messias tão esperado pelo povo judeu. O objetivo das citações reflexivas é servir de prova para essa demonstração. Ele quer conquistar os judeus, seja aqueles ainda não convertidos, como fortalecer os que já são cristãos. Vemos esse aspecto também no título messiânico que só Mateus apresenta dessa forma: Filho de Davi (cf. 12.23; 15.22; 21.9,15). A genealogia que começa com Abraão inclui mulheres gentias como Raabe e Rute, mostrando que o Cristo não era apenas o salvador dos judeus, mas de todos os povos.

Data e Autoria

A rigor o evangelho de Mateus é anônimo tendo seu título acrescentado apenas no segundo século. A igreja primitiva era unânime em afirmar que o livro

tem a autoridade Mateus, também conhecido como Levi, o coletor de impostos que se converteu e tornou-se um dos 12 apóstolos de Jesus (Mt.9.9-13; 10.3).

A erudição moderna usualmente nega que o apóstolo Mateus tenha escrito o evangelho que traz seu nome, atribuindo-o a um possível apóstolo obscuro. Porém a habilidade de organização exibida pelo autor (ver abaixo) concorda com a mentalidade provável de um cobrador de impostos, como fora o apóstolo Mateus.

Concorda também com isso o fato que esse é o único evangelho que encerra o episódio do pagamento da taxa do templo por parte de Jesus (17:24-27). A narrativa do chamamento de Mateus ao discipulado usa o nome apostólico, "Mateus", (Ver as listas dos apóstolos em Mateus 10:24; Marcos 3:16-19; Lucas 6:13-16 e Atos 1:13.) ao invés do nome "Levi", utilizado por Marcos e Lucas, e omite o pronome possessivo "dele", usado em conjunto com o termo "casa (lar)", de que se valeram Marcos e Lucas, ao descreverem o lugar onde Mateus entreteve Jesus em uma refeição (vide Mateus 9:9-13, em confronto com Marcos 2:13-17 e Lucas 5:27-32).

Esses detalhes incidentais bem poderiam constituir indicações notáveis de que Mateus é o autor desse primeiro evangelho, em apoio às tradições da Igreja primitiva.

Com relação a data, se Mateus valeu-se de Marcos que data no período 40-61 d.C. devemos presumir que fora escrito pouco depois deste tempo e antes do ano 70d.C visto que Jesus (Mt.24.1,2) profetiza a destruição do templo que aconteceu nesta data. Assim a data de Mateus ficaria entre 62 – 69 d.C.

Para quem Mateus escreveu?

A Tradição da igreja, se baseia no estilo literário de Mateus para dizer que ele escreveu para um público judeu-cristão familiarizados com os costumes judaicos do A.T.

Esboço do livro de Mateus

I. LINHAGEM, NASCIMENTO INFÂNCIA DE JESUS (Mt 01.01-02.23).

- Linhagem Real
- Nascimento

- Infância
- II. A PROCLAMAÇÃO DO REINO DOS CÉUS (Mt 03.01-12).
- O anúncio do precursor do reino
 - Os princípios do reino
- III. O REINO SUA NATUREZA E CARACTERÍSTICA (Mt 03.13-07.29)
- Princípios do ministério ativo de Jesus
 - O sermão da montanha
- IV. A APRESENTAÇÃO E PROPAGAÇÃO DO REINO (Mt 08.01-11.06).
- A autoridade de Jesus para estabelecer o reino
 - A propagação do reino
- V. A INAUGURAÇÃO DO REINO (Mt 11.07-13.58).
- A recepção inicial
 - As parábolas do reino
- VI. A RELAÇÃO DE JESUS COM O REINO (Mt 14.01-20.34)
- A natureza de Jesus Cristo
 - Métodos básicos do reino
 - O espírito interno do reino
- VII. A ÚLTIMA APRESENTAÇÃO DO REINO À NAÇÃO JUDAICA (Mt 21.01-25.46).
- A jornada para Jerusalém
 - A apresentação do messias e a rejeição do reino pelos judeus
 - O discurso a respeito das coisas futuras
- VIII. PAIXÃO, MORTE, RESSURREIÇÃO E ASCENSÃO DO REI (Mt 26.01-28.20)
- Preparação para a entrega de Jesus por seus inimigos
 - Captura, julgamento, e condenação pelo Sinédrio
 - Perante Pilatos

- A morte e o sepulcro
- A ressurreição

Exercícios:

1. Fale sobre a autoria do evangelho de Mateus:
2. Fale sobre local e data do evangelho de Mateus:
3. Segundo os especialistas do N.T qual o propósito do Evangelho de Mateus?
4. Que fontes os especialistas no N.T apontam para o evangelho de Mateus?

2.5 A NARRATIVA SEGUNDO LUCAS

PRÓLOGO - O evangelho da certeza histórica.

O evangelho de Atos e Lucas saíram forçosamente da pena de um mesmo autor e dedicados, pelo menos declaradamente, ao mesmo destinatário - Teófilo. Ambos os livros começam com uma dedicatória formal, ao estilo literário greco-romano os únicos livros do Novo Testamento que assim fazem. O estilo grego de Lucas, juntamente com o estilo da epístola aos Hebreus, é o mais refinado de todo o Novo Testamento.

Broadus diz que o evangelho de Lucas se trata de uma obra nascida da fé de uma comunidade fundada sobre uma tradição, muito mais do que uma obra individual. (A personalidade literária do autor aparece muito mais que nos outros evangelhos). A introdução nos mostra que foi utilizado três fontes: várias narrações compostas antes dele (inclusive Marcos), informações de testemunhas oculares, e a tradição oral das pregações apostólicas.

Broadus diz que o evangelho de Lucas é um dos mais belos livros já escritos. “uma perfeita joia da arte grega”.

É o livro mais extenso do N.T. Além do “amém” não há uma palavra proveniente do hebraico. Por isso é dirigido a leitores de fala grega. Lucas se

interesse impressionante com a vida dos homens. Sua genealogia não parte da origem de uma nação (Abraão) mas dá origem da humanidade (Adão) Lc.3.23-38).

Porquanto Lucas se dirigiu a uma audiência gentílica, ele não demonstra o interesse judaico pelas profecias messiânicas cumpridas, com o mesmo grau de intensidade com que o faz Mateus. E modificou expressões peculiarmente judaicas, juntamente com alusões a costumes judaicos, a fim de que seus leitores gentios pudessem compreender melhor o que lessem. (Mt.23.27 cf. Lc.11.14)

Quem é o autor do Evangelho de Lucas?

Não detectamos nas narrativas desse terceiro evangelho o nome do autor, contudo sua personalidade é desenhada no evangelho. Um intelectual metódico, preocupado com a história, linguagem relativamente pura, possuía um cuidado literário. Oscar Cullmann diz não haver razão válida para duvidar que o gentílico-cristão não seja idêntico a Lucas, companheiro de Paulo.

Visto que o terceiro evangelho e o livro de Atos devem ter vindo do mesmo autor, deduzimos a autoria lucana de Lucas-Atos do fato de ter sido ele o único dos companheiros de viagem de Paulo, mencionados nas epístolas, que poderia haver escrito as chamadas seções - "nós" do livro de Atos.

"O autor do terceiro evangelho é um sírio de Antioquia, médico por profissão e discípulo dos apóstolos de Cristo. Posteriormente acompanhou Paulo até a sua morte. Sem filhos e solteiro, dormiu com o Senhor com a idade de 84 anos em Beócia" (F. F. Bruce, The Acts of the Apostles).

Realmente a tradição antiga atribuí a esse evangelho à Lucas, o médico gentio. Segundo os estudiosos, o argumento mais forte acerca da autoria de Lucas/Atos gira em torno de ser o autor foi ou não companheiro de Paulo. Paulo chama Lucas de "médico amado", em Colossenses 4:14, descrição essa confirmada pelo interesse acima do normal que Lucas demonstrou por enfermidades, mediante seu uso frequente de termos médicos (Lc.8.43)

Em que data foi escrito?

Segundo Atos 1.1 Lucas foi escrito antes de Atos. O livro de Atos termina no ponto em que Paulo esperava ser julgado em Roma, provavelmente porque as circunstâncias não se tinham modificado ao tempo da escrita do livro. Nesse caso, o livro de Atos data de algum tempo antes de 64 D.C., a data tradicional e geralmente aceita para o martírio de Paulo (e Pedro).

Além disso, se Lucas escreveu seu evangelho antes do livro de Atos, conforme parece lógico, o evangelho, por igual maneira, deve datar de algum tempo levemente anterior ao ano de 64 D.C. O lugar de escrita poderia ter sido Roma, onde Lucas permaneceu em companhia de Paulo, quando do encarceramento do apóstolo (embora a tradição antiga esteja dividida entre a Grécia e Roma, como local onde Lucas escreveu seus livros).

Quais foram as fontes?

Obviamente Mateus e Marcos foram as principais fontes de Lucas visto que narra acontecimentos encontrados naqueles. Tendo sido companheiro por tanto tempo certamente Paulo e suas pregações foram outra fonte sua. Testemunhas oculares (Lc.1.2) entre elas Maria Mãe de Jesus, Maria Madalena, Joana, a esposa de Cuza (mordomo de Herodes), e outras mulheres (8:3) poderiam.

A quem Lucas foi escrito?

Lucas dedicou o seu livro a Teófilo, um homem culto e provavelmente muito influente. Se era cristão não sabemos. De qualquer maneira, Lucas menciona que Teófilo era instruído em palavras (essa é a formulação exata no original). Isso pode significar que Teófilo já fora instruído na fé em Jesus Cristo e que agora deveria ser fortalecido nela pelo livro de Lucas.

Podia ser também que Teófilo, como funcionário romano, tivesse recebido notícias sobre os cristãos e agora queria informações confiáveis a respeito da fé cristã.

Considerando que em Lc 1.3 Teófilo é considerado e interpelado como “excelentíssimo Teófilo” (o título “excelentíssimo” era usado naquele tempo para senadores e cavaleiros - clarissimus -, como os procuradores romanos Félix, em At 23.26; 24.3, e Festo, em At 26.25), ele parece ter sido um homem renomado.

Além disto, essa dedicatória não significava mera questão de honra. Até o surgimento da imprensa, a edição de um livro era algo muito dispendioso. Por essa razão, os autores costumavam dedicar suas obras a uma personalidade abastada que, caso aceitasse a dedicatória, era considerada, por assim dizer, “patronus libri”, padrinho do escrito. Esse patronus libri encarregava-se de abrir caminho na opinião pública para a nova obra. Para isto ele criava oportunidades para que o autor apresentasse textos de sua obra perante um círculo seletivo. Igualmente encomendava por sua conta as primeiras cópias.

Propósito

A Lucas, seu objetivo direto era o de consolidar a fé de Teófilo, grego convertido ao cristianismo, e isso através do relato organizado sobre a vida e obra de Jesus.

“Igualmente a mim me pareceu bem, depois de acurada investigação de tudo desde sua origem, dar-te por escrito, excelentíssimo Teófilo, uma exposição em ordem (de tudo), para que tenhas plena certeza das verdades em que foste instruído.” (Lc.1.3,4)

Mas por trás de Lucas obviamente há o propósito maior do Espírito Santo que visava não só Teófilo, mas a todos quantos possam ler este livro.

O caráter e propósito de Jesus como Salvador não só do povo hebreu, mas de todo aquele que nele crer, principalmente os menosprezados, é o tema principal deste livro. As atividades e os ensinamentos de Jesus em Lucas são focalizados no ato de tirar os homens dos seus pecados e de trazê-los de volta à vida e à esperança.

Os milagres, as parábolas, os ensinamentos e as atitudes de Jesus exemplificam seu poder e vontade redentores. Em Lucas, Jesus não está preocupado apenas com “as ovelhas perdidas de da casa de Israel” (Mt.10.6) mas ... “que em seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados a todas as nações, começando de Jerusalém”. (Lc.24.47). Com isso, Cristo é retratado repetidas vezes como rejeitado pelos judeus e religiosos e recebido pelos gentios e rejeitados.

O conceito de Jesus como Filho do homem enfatiza a sua humanidade e a sua compaixão sentida por todos os homens.

Características especiais

No evangelho de Lucas destacam-se algumas particularidades: As relações sociais (10:25-37); 17:11-19); interesse no indivíduo (cap.15); Atenção as mulheres (várias referências); ênfase no Espírito Santo (1:15, 1:35, 1:41,67, 2:25-27; 4:14, 5:17, 24:44-49); ênfase a oração (caps. 3,5,6,9,10,11,22,23,18).

ESBOÇO DO LIVRO DE LUCAS

I. PREFÁCIO. (1:1-4)

II. INTRODUÇÃO AO MINISTERIO DE JESUS (3:1-4:13)

- O nascimento de João Batista e de Jesus
- Os primórdios da infância de Jesus

III. INTRODUÇÃO AO MINISTERIO DE JESUS (3:1-4:13)

- O ministério de João
- A preparação para o ministério de Jesus

IV. O MINISTERIO NA GALILÉIA E VIZINHANÇAS (4:14-9:50)

- A narrativa em resumo da Obra inicial de Jesus
- A pregação em Nazaré
- Jesus e as multidões
- O conflito com os líderes religiosos
- A escolha dos doze
- Instruções aos discípulos
- A natureza da missão de Jesus
- Outra viagem através da Galiléia
- Revelações aos Doze

V. A CAMINHADA A JERUSALÉM (9:51-130)

- Rejeitados pelos Samaritanos;
- Os testes do discipulado;
- A missão dos setenta;
- Ensinos acerca dos relacionamentos;
- Instruções acerca da oração;
- Sinais e rejeição;
- Discipulado caro;
- Discipulado responsável;

VI. A CAMINHADA A JERUSALÉM (13:31-19:27)

- Em resposta à advertência contra Herodes, Jesus prediz sua morte;
- Instruções numa refeição;
- Os termos do discipulado;
- A alegria de Deus ao receber pecadores.
- Ensinos adicionais acerca da riqueza;
- O caráter do discipulado;
- A purificação dos dez leprosos;
- Acerca do reino;
- Acerca da oração;
- Entrada no Reino;
- Aproximando-se de Jerusalém;

VII. O MINISTÉRIO EM JERUSALÉM – (19:28-22:53)

- A aproximação e a entrada do messias;
- A autoridade de Jesus é examinada;
- Acerca do fim;
- Acerca dos últimos dias de ministério;

- Preparação para a Páscoa;

VIII. A PAIXÃO DE JESUS – (22:54-23:56)

- O julgamento de Jesus;
- A crucificação de Jesus;

IX. – A RESSURREIÇÃO DE JESUS – (24:01-53)

- As mulheres no túmulo vazio;
- A aparição dos dois discípulos no caminho de Emaús;
- A aparição de Pedro em Jerusalém;
- A aparição ao grupo inteiro de discípulos;
- As palavras finais e Sua Comissão;
- A separação final: a Ascensão.

EXERCÍCIOS:

1. Fale sobre a autoria do evangelho de Lucas:
2. Fale sobre local e data do evangelho de Lucas:
3. Segundo os especialistas do N.T qual o propósito do Evangelho de Lucas?
4. Que fontes os especialistas no N.T apontam para o evangelho de Lucas?
5. Qual o propósito do Evangelho de Lucas?

2.6 A NARRATIVA SEGUNDO JOÃO

Apesar de distinguir entre os sinóticos, o evangelho de João não pode ser isolado. Sua cronologia e o plano geográfico das narrativas da vida terrena de Jesus divergem dos sinóticos, contudo, considera os mesmos acontecimentos.

Os especialistas do novo testamento dizem que evangelho joanino é uma meditação em profundidade sobre os eventos centrais da história da salvação; ele

evidencia a identidade do Jesus histórico e o Cristo presente em sua igreja; é um conjunto de narrativas históricas, mostrando o cume de toda revelação divina.

Em João, Jesus é humano e divino. As narrativas de João mostram que perseguia revelar o lado transcendente do Cristo; deixa isso claro quando no capítulo 20.31 “estas coisas foram registradas para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que crendo, tenhais a vida em seu nome”.

O evangelho de João é também o evangelho do amor. Deus amou a humanidade, Cristo amou os seus a ponto de morrer por eles. Conseqüentemente, seus discípulos também devem amar uns aos outros.

Enquanto Mateus aponta para a descendência de Jesus em Abraão, Lucas em Adão, Marcos no ministério com João Batista, João aponta para a eternidade antes da criação do mundo. Em Mateus Jesus é o filho de José. Em Lucas o filho de Maria. Em Marcos o anunciado por João. Em João Jesus é o Filho de Deus.

João é visto mais como um tratado teológico do que como uma narrativa histórica.

O quarto Evangelho não menciona o nascimento do Jesus, seu batismo e suas tentações; não nos diz nada a respeito da Última Ceia, nada do Getsêmani, nada sobre a

Ascensão. Não diz uma só palavra a respeito da cura de pessoas possuídas por demônios ou espíritos malignos. E, o que possivelmente resulta mais surpreendente João não contém nenhuma parábola, nenhuma dessas histórias que Jesus contou e que formam uma parte de valor inapreciável nos outros três Evangelhos.

Quem é o autor do Evangelho de João?

Apesar de alguns estudiosos discordarem quanto ao local e autoria de João, os estudiosos conservadores da Europa e das Américas afirmam existir evidências suficientes para João (o filho de Zebedeu) ser o autor desse evangelho. Como os demais evangelhos, João é anônimo, em nenhum lugar o autor se identifica pelo nome. Boaduz diz que João 21:24 realmente parece apontar para “o discípulo a quem Jesus amava”. Para a igreja primitiva a autoria de João filho de Zebedeu era comumente aceita. Sua autoria, como sendo de João o filho de Zebedeu, é

corroborada pelo testemunho de Irineu, no segundo século. Irineu foi discípulo de Policarpo, o qual, por sua vez, fora discípulo do apóstolo João - uma direta linha de tradição, com um elo entre Irineu e o próprio João.

Broaduz em Introdução ao estudo do Novo Testamento diz: “admite-se que há áreas problemáticas, mas a solução mais lógica e óbvia, e que apresenta menos dificuldades, é dizer-se que João, o filho de Zebedeu, é o autor do nosso quarto Evangelho”.

João foi um dos três discípulos mais íntimos de Jesus. João é citado em todos os evangélicos sinóticos. O quarto evangelho é o único que não cita João. As únicas citações que aparecem é do “discípulo a quem Jesus amava”. O discípulo amado, autor do evangelho de João sempre aparece ligado a Pedro como colunas da igreja. João é apresentado como o discípulo ligado a Pedro. Entende-se por isso que era um dos discípulos íntimos de Jesus. Ou seja – João.

Em que data foi escrito?

Estudiosos divergem sobre a datação do quarto evangelho. Oscar Cullmamm diz que ao evangelho de João não se pode admitir um período posterior aos anos 90 e 95. Datas desde o começo da igreja militante até o final do primeiro século foram sugeridas. Kümmel o coloca na última década do primeiro século. Broaduz diz que a datação tardia de João se deve ainda a teologia desenvolvida encontrada nele, contudo, não mais que a de Paulo. Outros sugerem que as origens deste evangelho são anteriores a 70 d.C e posteriormente composto e publicado em Éfeso pela época da morte de João.

Broaduz diz que seria mais lógico dizer que João escreveu antes da época da destruição de Jerusalém e a referência contida em João 21:24 fora acrescentada na época de sua apresentação pública em Éfeso.

A. J. MACLEOD diz que “uma vez que Inácio conheceu o Evangelho, este deve ter sido escrito antes de 115 A. D. Por outro lado, se Marcos e Lucas foram usados em sua composição, a data deve ser depois do ano 85 A. D”.

Todas as datas mais tardias foram refutadas, desde que se encontrou no Egito um fragmento de papiro com algumas frases do cap. 18 do evangelho de João. Esse pedacinho de papiro comprova que esse evangelho já estava

disseminado no Egito por volta do ano 100. Consequentemente deve ter sido escrito o mais tardar no final do séc. I. Isso coincide com a notícia que obtemos da igreja antiga através de Ireneu: João teria vivido na Ásia Menor, ou melhor, em Éfeso —até a época de Trajano (98-117 d.C.), publicando ali, depois de Mateus, Marcos e Lucas, igualmente um evangelho.

Quais foram as fontes?

Um grande problema para os estudiosos é o fato de que o evangelho é posterior aos sinóticos e o isolamento em João em relação aos três.

Veja o que diz Broaduz em Introdução ao Estudo do Novo Testamento: “A crítica literária chegou à conclusão de que enquanto se torna duvidosa a identificação clara das fontes de João, produz-se alguma evidência de que o autor realmente usou fontes. Parece que se o autor realmente se valeu de fontes, ele próprio as escreveu. O evangelista extraiu de fontes orais independentes e originais que não estão, na maior parte, ligadas as fontes dos sinóticos. Há grande evidência em favor do ambiente palestino para esta tradição, e, mais uma vez, podemos voltar a crença de que João, o filho de Zebedeu, um dos doze, está por trás do Evangelho escrito”.

Evidentemente João era da opinião que os evangelistas sinóticos já haviam apresentado informações suficientes sobre o ministério na Galiléia e sobre o reino.

Propósito

João 20:30, 31 declara construtivamente que foi escrito com a esperança de se criar nos leitores a convicção de que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, para que a vida viesse através da fé nEle.

O próprio Jesus exigiu essa fé cristológica ao apresentar uma série de reivindicações pessoais, utilizando-se da expressão "Eu sou", no quarto evangelho:

"Eu sou o pão da vida" (6:35,48; comparar com os versículos 41 e 51).

"Eu sou a luz do mundo" (8:12).

"Eu sou a porta" (10:7,9).

"Eu sou o bom pastor" (10:1 1,14).

"Eu sou a ressurreição e a vida" (11:25).

"Eu sou o caminho, e a verdade e a vida" (14:6).

"Eu sou a videira verdadeira" (15:1,5).

A escolha do material foi calculada exatamente para ajudar a chegar a esta conclusão. Objetivos subordinados podem ser aceitos, tais como a refutação do Docetismo, um ponto de vista que negava a verdadeira humanidade de Jesus (cons. 1:14), e a denúncia do judaísmo como sistema inadequado de religião que coroava seus outros pecados com a recusa em aceitar o Messias prometido (1:11, e outros). contudo o propósito de sua mensagem é universal.

ESBOÇO DO LIVRO DE JOÃO

I. O PRÓLOGO (1:1-18)

- O Logos em sua essência eterna e Absoluta;
- O Logos em relação à Criação.

II. O LIVRO DOS SINAIS (1:19-20-31)

- O primeiro Sinal – (A água em vinho);
- O segundo sinal – a cura do filho do Régulo;
- O terceiro sinal - Cura do homem paralítico;
- O quarto sinal – alimentação das multidões e caminhada sobre as águas;
- O quinto sinal – A cura do cego;
- O sexto sinal – A ressurreição de Lázaro.
- O sétimo sinal – morte, sepultamento e ressurreição de Jesus.

III. O EPÍLOGO (21: 1-25)

- O Senhor e o Corpo de discípulos.
- O Senhor e os discípulos como indivíduos.
- Observações conclusivas.

EXERCÍCIOS:

1. Fale sobre a autoria do evangelho de João:
2. Fale sobre local e data do Evangelho de João:
3. Segundo os especialistas do N.T qual o propósito do Evangelho de João?
4. Que fontes os especialistas no N.T apontam para o evangelho de João?
5. Qual o propósito do Evangelho de João?

III- INTRODUÇÃO A ATOS DOS APOSTOLOSO Título

O título tal como o conhecemos não fazia parte do livro original, mas pertence ao segundo século A.D. O Evangelho de Lucas. e Os Atos são dois volumes de uma só obra, e seja qual for o título originalmente anteposto ao Evangelho, serviu para os dois livros. Quando o segundo volume começou a circular independentemente, este título foi usado para designar seu conteúdo.

AUTOR:**Indícios na tradição**

É quase impossível negar que o autor de Atos tenha sido o mesmo autor do evangelho de São Lucas (Lc.1.1-4 cf At.1.1,2). Mas nem o Evangelho nem o livro de Atos dá o nome do seu autor. A tradição eclesiástica, porém, desde cedo não tem dúvidas de que o autor é Lucas, antioquino, médico e companheiro de viagem de Paulo.

“O autor do terceiro evangelho é um sírio de Antioquia, médico por profissão e discípulo dos apóstolos de Cristo. Posteriormente acompanhou Paulo até a sua morte. Sem filhos e solteiro, dormiu com o Senhor com a idade de 84 anos em Beócia” (F. F. Bruce, The ActsoftheApostles).

Indícios no próprio texto

- O autor de Atos foi companheiro de Paulo.

Na narrativa dos acontecimentos, o verbo apresenta-se em certos trechos na primeira pessoa do plural. Nessas ocasiões, o autor inclui-se como companheiro de viagem de Paulo (16.10-17; 20.5–21.18; 27.1–28.16). Qualquer historiador metuculoso — como era o autor em questão — teria bons motivos para optar pelo emprego de “nós” em alguns trechos (quando estava presente) e de “eles” em outros (quando estava ausente). É provável, portanto, que o autor estivesse presente com Paulo naqueles acontecimentos em que utiliza o pronome “nós”.

Entre esses trechos (em Atos) que usam a primeira pessoa do plural, está o que trata da prisão de Paulo em Roma (cap. 28). Nesse período Paulo escreveu, entre outras epístolas, Filemom e Colossenses. Nelas, envia saudações dos seus companheiros, e Lucas está entre eles (Fm 23,24; Cl 4.10-17).

- O autor de Atos foi provavelmente um médico.

Embora não seja possível comprovar que o autor de Atos fosse médico apenas baseando-nos no vocabulário, as palavras que empregava, além dos traços e do nível cultural vislumbrados em seus escritos, são próprios de um médico (28.6). É verdade que os médicos do séc. I não tinham um vocabulário tão especializado quanto o dos médicos de hoje; ainda assim, alguns traços de linguagem de Lucas e Atos fazem supor que um homem de medicina seja o autor desses livros.

- Paulo diz que só Lucas permaneceu com ele.

(Fm 1.24) “assim como também Marcos, Aristarco, Demas e Lucas, meus cooperadores”.

(2Tm 4.11) “Só Lucas está comigo. Traga Marcos com você, porque ele me é útil para o ministério”.

- Paulo chama Lucas de médico.

(Cl.4.14) “Lucas, o médico amado, e Demas enviam saudações.”

- Isso leva-nos a concluir que Lucas foi é o melhor candidato a autoria de Atos.

De qualquer forma, o autor de Atos dos Apóstolos é um helenista e uma pessoa culta, capaz de escrever um grego versátil com finezas gramaticais. Ele delinea um quadro tão concreto de Antioquia e da vida eclesial daquele local, com tantos detalhes pessoais, que podemos muito bem considerá-lo um antioquino. Ele fala com carinho especial de gentios “tementes a Deus”. Talvez ele próprio tenha sido uma dessas pessoas.

Data:

Duas datas são possíveis para a composição desse livro: 1) por volta de 63 d.C., pouco depois do último acontecimento registrado, e 2) perto de 70 d.C. ou ainda mais tarde.

A hipótese da data mais antiga é defendida com base nos seguintes aspectos:

1.) Silêncio a respeito de acontecimentos posteriores. Embora os argumentos baseados no silêncio não sejam irrefutáveis, talvez seja relevante o fato de o livro não conter nenhuma alusão aos fatos posteriores ao fim dos dois anos de prisão de Paulo em Roma: e.g., o incêndio de Roma e a perseguição dos cristãos (64 d.C.), o martírio de Pedro e de Paulo (possivelmente 67) e a destruição de Jerusalém (70).
2. Ausência de informações sobre o resultado do julgamento de Paulo. Se Lucas soubesse o resultado do julgamento que Paulo aguardava (28.30), por que não o registrou no fim de Atos? Talvez porque já tivesse contado tudo o que sabia até aquela data.

Para os que preferem a data posterior, 1.8 revela um dos propósitos de Lucas ao escrever a sua história, e esse propósito influenciou o encerramento do livro. Lucas queria demonstrar que a igreja penetrava o mundo de seus dias em círculos cada vez mais amplos (Jerusalém, Judéia, Samaria e confins da terra) até alcançar Roma, o centro político e cultural do mundo.

Entendendo assim esse propósito, mencionar o martírio de Paulo (c. 67 d.C.) e a destruição de Jerusalém (70 d.C.) não era pertinente. Assim ficaria aberta a possibilidade de Atos ter sido escrito em c. 70 d.C. ou mesmo depois.

Tema:

Atos dos apóstolos deveria na verdade ser chamado de Atos do Espírito Santo. Atos mostra como o Espírito removeu as barreiras para a expansão do evangelho. Raça, religião, dificuldades físicas, filosofia e feitiçaria diante do poder manifestado através dos apóstolos. A última palavra no texto grego é “sem impedimento algum”. Uma referência à pregação de Paulo em Roma. Em Atos, o evangelho é triunfante e nada pode impedir sua disseminação.

Outro Tema é a separação entre o cristianismo e os judeus. Lucas mostrou esta realidade em todo tempo em pontos cruciais.

- Paulo rejeitou o povo judeu assim como este rejeitou o evangelho.
- A igreja começa adorando a Deus no templo e na Sinagoga, mas distancia sua adoração cada vez mais destes dois grupos.
- Lucas deixa clara a rejeição de Jesus pelos judeus. Não foram os cristãos que rejeitaram os judeus. Mas os judeus que rejeitaram os cristãos.
- Também mostra que os cristãos são os verdadeiros herdeiros de Israel.
- Por fim mostra também que o conflito em torno dos cristãos é religioso (com os judeus) e não político (com Roma).

As fontes que Lucas utilizou

Lucas era um historiador, e as fontes que todo historiador utiliza para obter sua informação são muito importantes. Então, de onde obteve Lucas seus dados? Com respeito a isto Atos se divide em duas partes.

1. Os primeiros quinze capítulos. Lucas não tinha um conhecimento pessoal dos atos ali descritos. Possivelmente teve acesso a duas fontes:
 - a) Havia os registros das Igrejas locais. Pode ser que não estivessem escritos, mas as Igrejas tinham suas histórias. Nesta seção podemos distinguir três registros: o da Igreja de Jerusalém que encontramos nos capítulos 1 a 5 e 15 e 16, o da Igreja de Cesaréia que abrange 8:26-40 e 9:31—10:48, e o registro da Igreja de Antioquia que inclui 11:19-30 e 12:25—14:28.

b) Além disso, sem dúvida que se acumulariam histórias e lendas em torno das grandes figuras da Igreja e certamente havia ciclos de histórias com os Atos de Pedro, de João, de Filipe, e de Estevão. Sem dúvida nenhuma a amizade de Lucas com Paulo o poria em contato com todos os grandes homens de todas as Igrejas e todas suas lembranças e relatos estariam ao seu dispor.

2. Os capítulos 16 a 28. Lucas conhecia pessoalmente muito desta seção. Quando lemos Atos cuidadosamente notamos algo estranho. Em algumas passagens Lucas escreve: "Eles fizeram isto", e de repente muda por "nós fizemos isto". As passagens em que figura "nós" são os seguintes: Atos 16:10-17; 20:5-16; 21:1-18; 27:1—28:16.

Em todas estas ocasiões Lucas devia estar presente. Deve ter levado um diário de viagem e nestas passagens temos o relato de uma testemunha visual. No que respeita aos momentos em que não esteve presente, foram muitas as horas que esteve com Paulo na prisão e este pôde lhe haver relatado as histórias. Não pôde haver nenhuma pessoa importante que Lucas não conhecesse e em todos os casos devia ter obtido sua história de alguém que presenciou o fato.

Propósito de Atos

DEMONSTRAR - Atos começa assim: "Em meu livro anterior (Lucas.1.1-4), Teófilo, escrevi a respeito de tudo o que Jesus começou a fazer e a ensinar" (At.1.1). Aqui em Atos Lucas mostra que pelo poder e direção do Espírito Santo os discípulos continuaram a fazer e ensinar o que Jesus começara. Noutras palavras, o cristianismo não terminou com a "ausência" de Jesus, mas continuou vitoriosamente "até os confins da terra". Mas ele tem propósitos específicos em mostrar isso.

DEFENDER – É possível perceber um duplo propósito apologético em Atos. O primeiro lado é defender-se da acusação dos judeus de que o cristianismo se opunha a César.

Parece que uma de suas razões era recomendar o cristianismo ao governo romano. Algumas vezes assinala quão corteses eram os magistrados romanos com Paulo. (13.12; 16.35; 19.31) Lucas parece assinalar que nos anos antes que

escrevesse as autoridades romanas tinham tido sempre uma boa disposição e tinham sido justas e imparciais com o cristianismo. Mais ainda, Lucas se encarrega de demonstrar que os cristãos eram cidadãos bons e fiéis, e que sempre tinham sido considerados assim. (18.14; 19.37; 23.29; 25.25).

Por certo, fez-se a interessante sugestão de que Atos não é outra coisa que o relatório preparado para a defesa de Paulo, utilizado no juízo diante do imperador romano.

Por outro lado, Lucas também combateu a ideia de que o cristianismo não passava de uma seita judaica.

Um dos propósitos de Lucas foi demonstrar que o cristianismo era uma religião universal para todos os homens de todas as nações. Esta era uma das coisas que os judeus encontravam difícil de compreender.

Tinham a ideia de que eles eram os escolhidos de Deus e estavam seguros de que Deus não tinha nada que ver com nenhuma outra nação. Lucas se decide a provar que isto não é assim. Mostra Filipe pregando aos samaritanos; Estevão fazendo do cristianismo algo universal e morrendo por isso; Pedro aceitando a Cornélio na Igreja; os cristãos pregando aos gentios de Antioquia; a Paulo viajando de um a outro lado ganhando todo tipo de pessoas para Cristo; e em Atos 15 mostra a Igreja tomando a grande decisão de aceitar os gentios em igualdade de condições com os judeus. Sem dúvida Lucas queria demonstrar que o cristianismo era uma religião que não conhecia limites.

A divisão básica do livro

Atos pode ser dividido em duas partes principais. Paulo em Gálatas (2.7,8) diz que Pedro recebeu o ministério da circuncisão (aos judeus) e ele o ministério da incircuncisão (aos gentios). Esta informação reforça a dupla divisão encontrada em Atos.

Na primeira, conta com a expansão do evangelho desde a ascensão de Cristo e o Pentecostes até a conversão de Cornélio e o envio de Saulo e Barnabé para pregar aos gentios. Nesta primeira parte o personagem principal é o apóstolo Pedro responsável pela missão aos judeus.

Na segunda parte vai do envio de Saulo e Barnabé aos gentios até a prisão do então Paulo em Roma (confins da terra). Assim vemos a incumbência de Cristo sendo cumprida. “Mas receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra”. (At.1.8)

I. Pedro – O missionário entre os Judeus (1.1 – 12-24)

II. Paulo – O missionário entre os gentios. (12.25 – 28.31)

Divisão por resumos

C. H. Turner assinalou que Atos se divide em seis seções e que cada uma delas termina com o que se poderia chamar um relatório dos progressos realizados.

As seis seções são as seguintes:

- a) 1:1—6:7: fala-nos da Igreja de Jerusalém e da pregação de Pedro; e finaliza com um resumo: “Crescia a palavra de Deus, e, em Jerusalém, se multiplicava o número dos discípulos; também muitíssimos sacerdotes obedeciam à fé.”
- b) 6:8—9:31; descreve a divulgação do cristianismo através da Palestina e o martírio de Estevão, que foi seguido pela pregação em Samaria. Finaliza com um resumo: “Assim, pois, as igrejas em toda a Judéia, e Galiléia, e Samaria tinham paz e eram edificadas; e se multiplicavam, andando no temor do Senhor e na consolação do Espírito Santo.”
- c) 9:32—12:24; inclui a conversão de Paulo, a extensão da Igreja ao Antioquia, e a aceitação de Cornélio, o gentio, na Igreja por meio de Pedro. Seu resumo é: “E a palavra de Deus crescia e se multiplicava.”
- d) 12:25—16:5; fala da propagação da Igreja na Ásia Menor e da viagem de pregação por Galácia. Finaliza: “Assim, as igrejas eram fortalecidas na fé e, dia a dia, aumentavam em número.”
- e) 16:6—19:20; relata a expansão da Igreja na Europa e a tarefa de Paulo nas grandes cidades gentis como Corinto e Éfeso. Seu resumo é: “Assim crescia e prevalecia poderosamente a palavra do Senhor.”

- f) 19:21—28:31; fala-nos da chegada de Paulo a Roma e de sua prisão ali. Termina com uma descrição de Paulo “pregando o reino de Deus, e, com toda a intrepidez, sem impedimento algum, ensinava as coisas referentes ao Senhor Jesus Cristo”.

Este plano nos explica a circunstância que parece enigmática em Atos. Por que termina assim? Finaliza com Paulo na prisão esperando ser julgado. Gostaríamos muito de saber o que aconteceu a Paulo, mas o fim está envolto no mistério. Mas Lucas se deteve ali porque tinha obtido seu propósito. Tinha mostrado como o cristianismo começou em Jerusalém e se estendeu até Roma.

Um grande erudito do Novo Testamento disse que o título de Atos poderia ser: "Como chegaram as Boas Novas de Jerusalém a Roma." O propósito de Lucas era mostrar aos homens algo da milagrosa divulgação do evangelho, e deixou sua pena quando já tinha mostrado ao cristianismo estabelecido na capital do mundo.

EXERCÍCIOS:

1. Quem foi o provável autor de Atos dos Apóstolos e quais argumentos temos a respeito?
2. Qual a provável data do livro de Atos? Argumente.
3. Qual o tema do livro de Atos dos Apóstolos?
4. Que fonte o autor deve ter utilizado para escrever o livro de Atos?
5. O que o autor do livro de Atos quer demonstrar?
6. O que o autor do livro de Atos quer defender?
7. Qual a divisão básica do livro de Atos?
8. Quais os dois personagens principais do livro de Atos?
9. Qual era o foco ministerial de cada um desses personagens?
10. Por que o autor do livro usa o termo na primeira pessoa do plural e às vezes muda para a terceira pessoa no plural?

ATOS PARTE 1: PEDRO – O MISSIONÁRIO ENTRE OS JUDEUS (1.1 – 12-24)

I. 1:1—6:7: **Fala-nos da igreja de Jerusalém e da pregação de Pedro;** e finaliza com um resumo: “Crescia a palavra de Deus, e, em Jerusalém, se multiplicava o número dos discípulos; também muitíssimos sacerdotes obedeciam à fé.”

1. Preparação - o relato da ascensão e substituição apostólica (1.1-26) Lucas parece dá um esboço geral nos vs.1,2 e depois dá maiores detalhes destes fatos nos vs. 3-11. Veja que no v.2 ele diz que Jesus deu instruções e subiu. E nos vs. 3 a 9 é dito que instruções eram estas e sua ascensão às alturas, junto com a promessa do seu retorno pelos anjos. (10,11). O que fizeram os discípulos depois de receberem estas instruções e virem Cristo sumindo nas nuvens? Os vs. 12 a 26 nos respondem. Vamos compreender esta preparação da igreja com perguntas.

a) Quanto tempo ficou aqui antes de ascender aos céus?

- Quarenta dias.

b) O que fez Jesus após a ressurreição?

- Deu provas insuperáveis da sua ressurreição e deu as instruções inéditas aos discípulos.

c) O que ensinou neste período?

- Ensinou sobre o Reino de Deus. Ordenou-lhes esperar o cumprimento da promessa. E deu-lhes a missão de testemunhar o evangelho depois disso começando por Jerusalém, Judeia, Samaria e confins da terra. (Este verso é o tema do livro de Atos).

d) O que seus discípulos fizeram depois disso?

- Voltaram para Jerusalém e se reuniram num aposento para completar o colégio apostólico desfalcado pelo desvio e morte de Judas.

e) Quantos discípulos havia naquela época?

- 120 discípulos incluindo as mulheres e Maria mãe de Jesus.

f) Como Judas morreu?

- Mt 27.5, dia que Judas foi se enforcar. Aqui Lucas diz que Judas caiu de cabeça e seu corpo partiu-se ao meio. Comentaristas deduzem que ele pode ter ido se enforcar, mas ou o galho quebrou ou a corda arrebentou com o peso do seu corpo ou seu corpo arrebentou-se ao meio com o próprio peso.

g) Quem substituiu Judas e como foi escolhido o novo apóstolo?

- Apresentaram dois candidatos qualificados. Oram a Deus pela vida dos dois. E tirando sorte escolhem Matias.

2. O DIA DE PENTECOSTES (At.2.1-13)

Se o livro de Atos dos Apóstolos deveria ser chamado Atos do Espírito Santo, aqui está sua inaugural prerrogativa. Daqui para a frente, tudo o que vemos é Deus movendo a igreja claramente através do Espírito Santo.

Qual a importância (principalmente para os judeus) de ter Deus escolhido derramar seu Espírito justamente no dia de Pentecostes?

Havia três grandes festivais judeus ao qual todo varão judeu que vivesse dentro de um raio de trinta quilômetros de Jerusalém estava obrigado legalmente a assistir a Páscoa, o Pentecostes e a festa dos Tabernáculos.

O nome de Pentecostes significa: "A quinquagésima" e outro nome era "A festa das Semanas". Chamava-se assim porque caía cinquenta dias, uma semana de semanas, depois da Páscoa. A Páscoa era em meados de abril; portanto o Pentecostes caía a princípios de junho. Nessa época as condições para viajar eram as melhores. À festa do Pentecostes acudia possivelmente tanta ou mais gente que à da Páscoa. Isto explica a quantidade de países mencionados neste capítulo, porque nunca havia em Jerusalém uma multidão mais internacional que nesse momento.

A própria festa tinha dois significados principais. (1) Tinha um significado histórico. Recordava a entrega da Lei a Moisés no monte Sinai. (2) E tinha um significado agrícola. Na Páscoa se oferecia a Deus o primeiro ômerde cevada; no

Pentecostes se ofereciam dois pães em gratidão pelo fim da colheita. Tinha outra característica única. A Lei estabelecia que nesse dia não se devesse fazer nenhum trabalho servil (Lv 23.21; Nm 28.26). De modo que era feriado para todos, e as multidões nas ruas eram maiores que nunca.

Foi exatamente neste contexto que Deus escolheu para derramar o Espírito Santo. Na tradição rabina o Pentecostes marcava a data em que Deus entregou em meio a manifestações sobrenaturais, a revelação da sua vontade (A Lei) no Sinai por Moisés. É o mesmo que vemos aqui, pois início do cumprimento da promessa do Espírito fora marcado por sinais sobrenaturais audíveis, visíveis e fonéticos. Estudiosos dizem que a população de Jerusalém nesta época era de 55 mil pessoas e que dobrava ou triplicava na festa da Páscoa permanecendo até a festa do Pentecostes.

3. A PRIMEIRA PREGAÇÃO DE PEDRO (2.14-41)

Pedro liga o acontecimento do presente com a profecia passada em Joel 2. Isso faz com que os judeus liguem imediatamente o evento que a pouco criticavam com promessas do Deus que pertenciam. O povo se certificou de que o que estava acontecendo ali não era descontrolado dos homens, mas o início do cumprimento das promessas de Deus. Quando eles chegam a este ponto, Pedro liga o fato presente ao nazareno crucificado.

Como havia recebido ordem do próprio Cristo, Pedro fala que aquele que eles mataram foi ressuscitado por Deus, Exaltado a sua direita, e tornado Senhor com autoridade para punir seus inimigos. Com estas afirmações, Pedro leva o povo ouvinte a rasgar suas almas de pavor e desespero. Ao que lhe pergunta: "O que faremos então?" A resposta de Pedro foi: Arrependam-se, sejam batizados e sejam perdoados, e receberam o Espírito Santo, pois o que estamos experimentando aqui é também para vocês e seus descendentes.

Com esta mensagem, cerca de três mil pessoas se convertem a Cristo e são batizadas e acrescentadas a igreja.

4. A SEGUNDA PREGAÇÃO DE PEDRO (3.1-26)

Os sinais eram geralmente usados por Deus como forma de atrair a atenção dos corações mais endurecidos. Com a cura de um homem coxo a mais de

quarenta anos, a multidão que o conhecia teve sua atenção fisgada pela maravilha. Atribuíram evidentemente o milagre a Pedro e João. No dia de Pentecostes, a multidão havia negativamente atribuído o acontecimento a embriaguez dos homens. Pedro disse lá que aquilo era ação do Jesus que eles rejeitaram.

Novamente agora atribuem (agora positivamente) este milagre a ação dos homens. Pedro e João novamente direciona o milagre a ação de Jesus em suas vidas. O mesmo Jesus que eles haviam rejeitado e crucificado, mas que Deus havia ressuscitado (12-16). Pedro faz referência a volta de Cristo, assim como Ihe disse os anjos na sua ascensão (vs. 19-22 cf 1.12), e mostra que está ali para anunciar que este Cristo que eles mataram quer agora abençoá-los com perdão e santidade (v.26).

Este milagre não chamou atenção apenas do povo, mas também dos invejosos sacerdotes. Os discípulos são acusados de fazer exatamente aquilo que Jesus os mandou fazer. Anunciar que Ele estava vivo e voltaria para julgar seus inimigos, e que por isso oferecia arrependimento e perdão pela fé no Seu Nome. Quando foram interrogados pelos líderes religiosos sobre a autoridade em que fizeram aquele milagre, a resposta foi a mesma. O Jesus que vocês rejeitaram e mataram, Deus o ressuscitou dos mortos; e é por causa do Nome Dele que este antes aleijado agora anda. E é somente pelo Nome Dele que os homens podem ser salvos. (4.1-22).

Eles são proibidos e ameaçados a não falarem mais sobre Jesus (v.18). Mas as ameaças eram inúteis. Primeiro porque era tarde demais. Quase cinco mil pessoas já haviam se convertido a fé em Cristo e certamente não iriam se calar. (v.4) Segundo porque estes homens estavam decididos obedecer a Deus e não aos homens. (v.19) e não podiam negar o que viram e ouviram (v.20). Terceiro todos glorificavam a Deus por verem curado pelo nome de Jesus aquele homem a tanto tempo aleijado. (v.21,22).

Com estas cenas Lucas mostra (o que fará ainda muitas vezes) que nada pode impedir a proclamação do evangelho e a expansão da igreja na face da terra (v.31). Esta igreja não se destaca apenas pelo sal pregação, mas também pela sua forma de viver (32-36).

5. PURIFICAÇÃO E PERSEGUIÇÃO (At.5)

Lucas parece mostrar que somente aqueles que tinham uma conversão verdadeira permaneciam na igreja de Cristo. Os que tinham uma fé falsa eram reprovados por si mesmos (5.1-13). Os sinais aumentavam como um rio à medida que a notícia se espalhava e número cada vez maior de doentes buscam alívio. A “fama” dos discípulos de Jesus aumentava e superava aos sacerdotes. Isso carregou seus corações de inveja mortal que os fez prender os apóstolos (v.17,18). Mas Lucas mostra novamente: Nada pode segurar o evangelho! (v.19-24). Para a ameaça, os apóstolos só tinham a mesma resposta:

“O Deus dos nossos antepassados ressuscitou Jesus, a quem os senhores mataram, suspendendo-o num madeiro. Deus o exaltou, colocando-o à sua direita como Príncipe e Salvador, para dar a Israel arrependimento e perdão de pecados. Nós somos testemunhas destas coisas, bem como o Espírito Santo, que Deus concedeu aos que lhe obedecem”. (v.30-32)

Nem mesmo os açoitados furiosos dos inimigos conseguiam calar os apóstolos. Pelo contrário. Agora proclamavam o evangelho com mais alegria ainda (v.40-42).

6. NECESSIDADE DE ORGANIZAÇÃO (At 6.1-7)

Lucas dá seu primeiro resumo-relatório, mostrando o primeiro problema interno e solução dada pela sabedoria do Espírito para saná-lo. (6.1-7). A igreja neste momento sente a necessidade de uma adequada organização para atender melhor a multidão que a compunha. Parece que Lucas está mostrando que embora a igreja fosse cheia do Espírito Santo, também era cheia de homens imperfeitos.

A crítica ao que parece era de discriminação ou acepção por racismo por parte dos judeus aos gregos. As viúvas de fala grega estavam sendo esquecidas na assistência social da igreja em detrimento das viúvas de fala judaica. Parece que o peso da raça ainda era grande dentro nesta nova igreja. Mas Lucas mostrará que Deus dará suas sacudidas para mudar isso e derrubar de vez estas barreiras raciais. Aqui a solução foi eleger para cuidar deste problema exatamente homens gregos, conforme se vê pelos seus nomes. Com isso o que poderia ser uma pausa

no crescimento da igreja, dá mais impulso ainda e a prepara para maiores conquistas.

"Assim, a palavra de Deus se espalhava. Crescia rapidamente o número de discípulos em Jerusalém; também um grande número de sacerdotes obedecia à fé". (v.7)

II. 6:8—9:31; **DESCREVE A DIVULGAÇÃO DO CRISTIANISMO ATRAVÉS DA PALESTINA E O MARTÍRIO DE ESTEVÃO, QUE FOI SEGUIDO PELA PREGAÇÃO EM SAMARIA.** FINALIZA COM UM RESUMO: "Assim, pois, as igrejas em toda a Judéia, e Galiléia, e Samaria tinham paz e eram edificadas; e se multiplicavam, andando no temor do Senhor e na consolação do Espírito Santo."

1. O MARTÍRIO DE ESTEVÃO (At 6.8-15; 7.1-60)

Até essa altura, Atos só mostrou os apóstolos realizando milagres (2.43; 3.4-8; 5.12). Mas agora, depois da imposição de mãos dos apóstolos, Estevão também está entre os que operam sinais milagrosos. Dentro em breve, Filipe também fará o mesmo (8.6).

"Estevão" é um nome grego e ele pregava aos judeus de fala grega que faziam parte da população permanente em Jerusalém. Eles são chamados de "Libertos". Os membros desta sinagoga eram escravos libertos ou filhos de escravos. Frustrados com sua incapacidade de derrotar Estevão no debate; finalmente, eles trouxeram acusações contra ele, distorcendo o objetivo de seus ensinamentos sobre Cristo.

A longa defesa de Estevão inverte as acusações. Deus realmente falou por meio de Moisés. Mas os acusadores de Estevão não somente não seguiram o exemplo de Moisés, mas também assassinaram Aquele de quem Moisés falava.

Acusaram ele de está pregando contra Deus e Moisés (6.11); contra A lei e Templo v. 13. Os judeus acreditavam que o templo era o único lugar para adorar a Deus. Estevão diz: Jesus é o templo e é por meio dele que adoramos a Deus. Que este Templo foi derrubado e edificado ao 3º. Dia. (Jo 2.19-21).

Por que a pregação feita por Estevão os deixou tão revoltados?

Se o perdão dos pecados é concedido somente pela fé em Jesus, e a Lei? Se o maior sacrifício foi feito por Jesus, para que as cerimônias do Templo? Se Jesus é tudo, qual o significado da Lei e o templo?

Para discordar dele tiveram que distorcer suas palavras. Não podiam vencer suas verdades, então tiveram que usar de mentira. Estevão usa a bíblia para mostrar que eles é que sempre foram contra Moisés. Eles é que profanaram o Templo de Deus que é Cristo. Davi quis construir um templo. Mas Deus disse que não habita em templos. Um ser humano está à direita de Deus? Era uma insuportável violação.

Estes homens foram possuídos de ódio. Estevão possuído de alegria e paz! (v.54-60) Ele vê os céus abertos e a glória de Deus. (Não a Deus). Jesus ao lado do Pai de pé. Ele ora por seus assassinos e entrega seu espírito nas mãos de Deus. Estevão não agoniza. Ele adormece!

2. A PERSEGUIÇÃO SE INICIA (At.8.1-3)

A morte de Estevão inaugura um período de perseguição oficial. Aquilo que vemos em (At.2.47; 5.13) começa a mudar. No lugar de ter a "a simpatia de todo o povo" e "ter alto conceito", agora são rejeitados, odiados e perseguidos. Mas à medida que os cristãos fugiam de Jerusalém, eles levavam a mensagem do evangelho. Encabeçando esta perseguição estava Saulo, que depois da morte de Estevão desencadeou uma perseguição em massa. Saulo se motivou e se determinou a acabar com a igreja. Ele devastava, perseguia, entrava de casa em casa, torturava até blasfemarem e matava quem não o fizesse. (At.22.4; 26.9,10; Gl.1.13).

Atos 26:9 "Na verdade, a mim me parecia que muitas coisas deviam eu praticar contra o nome de Jesus, o Nazareno;"

O Antigo Testamento pronunciava maldição qualquer que fosse pendurado no madeiro. Para Saulo era a prova escriturística que precisava para destruir o movimento. Para Satanás aquilo era um trunfo. Para Deus aquilo era sua glória. Por quê?

At 8.4 "Os que haviam sido dispersos pregavam a palavra por onde quer que fossem."

A ordem era espalhar para propagar a glória de Deus. Mas a igreja foi omissa. Preferiu ficar numa situação cômoda. Num templo. Em Jerusalém. Eles se concentravam em Jerusalém. Deus enviou perseguição para a igreja que só se juntava, espalhasse.

"Os que tinham sido dispersos por causa da perseguição desencadeada com a morte de Estevão chegaram até a Fenícia, Chipre e Antioquia, anunciando a mensagem apenas aos judeus". (At 11.19)

Eles foram, mas isso ao custo da morte muitos cristãos. Estevão foi o primeiro.

3. O EVANGELHO CHEGA A SAMARIA (At 8.4-25)

Lucas mostra o evangelho chegando a Samaria através de Filipe. Sua pregação é confirmada através de poder. Isso é algo enfatizado por Lucas em Atos. Os sinais serviam como chamariz para a pregação do evangelho. Além do povo, um feiticeiro é atraído a Filipe e se converte com sua pregação sendo mesmo batizado por Filipe. Ao que parece a igreja de Jerusalém supervisionava as novas igrejas que iam nascendo (11.22). Lucas mostra o contraste entre a mentira da magia empregada por Simão e a superioridade do poder evangelho operado pelos apóstolos. Poder este que Simão desejou comprar com dinheiro.

As barreiras estão caindo. Lucas está mostrando aqui os cuidados de Deus pelos Samaritanos. Povo antes tão rejeitado pelos judeus. (v.25)

4. O EUNUCO ETIOPE (At 8.26-40)

De Samaria o Espírito Santo conduz Filipe ao deserto de Gaza (cerca de 80 km). Esse oficial da corte não era da região que conhecemos hoje como Etiópia, mas sim da Núbia, ao sul do Egito. Uma vez que era um eunuco, não poderia ser prosélito (Dt 23:1), mas recebeu permissão de se tornar um "convertido" ou "prosélito à porta". Considerava sua vida espiritual importante o suficiente para

viajar mais de 300 quilômetros até Jerusalém, a fim de adorar a Deus; mas seu coração ainda não estava satisfeito.

Filipe foi enviado de Deus para satisfazer sua alma. Após explicar-lhe as Escrituras mostrando Jesus nela, o Etíope solicita seu batismo. Como sabia que cristãos devem ser batizados? Talvez Filipe tenha lhe falado do batismo em seu testemunho, ou talvez o etíope tenha visto pessoas serem batizadas enquanto estava em Jerusalém. Sabemos que os gentios eram batizados quando se tornavam prosélitos. Ao longo de todo o Livro de Atos, o batismo é uma parte importante do compromisso do cristão com Cristo e de seu testemunho.

Apesar de Atos 8:37 não aparecer em todos os manuscritos do Novo Testamento, por certo não apresenta nada antibíblico (Rm10.9,10). No tempo da Igreja primitiva, os cristãos só eram batizados depois de testemunhar claramente a sua fé em Jesus Cristo. É importante lembrar, também, que o etíope não falava apenas a Filipe, mas também aos membros da caravana que estavam perto de seu carro. Era um homem importante e, com certeza, seus servos prestavam toda atenção em suas palavras.

Filipe foi arrebatado pelo Espírito para ministrar em outro lugar. Filipe "veio a achar-se em Azoto", a cerca de 30 quilômetros de Gaza; em seguida, viajou até Cesaréia, uma jornada de quase 100 quilômetros. Assim como Pedro e João, Filipe foi pregando ao longo de todo o caminho de volta para casa (At 8:25). Vinte anos depois encontramos Filipe vivendo em Cesaréia e ainda servindo a Deus como evangelista (At 21.8ss).

Ao acompanhar a expansão do evangelho durante esse período de transição (At 2 - 10), vê-se como o Espírito Santo alcança o mundo todo. Em Atos 8, o etíope que se converteu era descendente de Cão (Gn10.6, em que "Cuxe" refere-se à Etiópia). Atos 9 relata a conversão de Saulo de Tarso, um judeu e, portanto, um descendente de Sem (Gn 10.21ss). Atos 10 relata como os gentios, descendentes de Jafé (Gn 10.25), encontram Jesus Cristo. O mundo todo foi povoado por Sem, Can e Jafé (Gn 10.1); e Deus deseja que no mundo todos os seus descendentes ouçam a mensagem do evangelho (Mt 28.18-20; Mc 16.15).

III. 9:32—12:24; **INCLUI A CONVERSÃO DE PAULO, A EXTENSÃO DA IGREJA AO ANTIOQUIA, E A ACEITAÇÃO DE CORNÉLIO, O GENTIO, NA IGREJA POR MEIO DE PEDRO.** SEU RESUMO É: “E a palavra de Deus crescia e se multiplicava.”

1. A CONVERSÃO DE SAULO (UM INTERVALO)

A conversão de Saulo também está relatada em 22.4-16 e 26.12-18. Embora Saulo nascesse e fosse criado na cidade gentia de Tarso, na Cilícia (22.3), estudou em Jerusalém aos pés de Gamaliel, um dos notáveis rabinos judeus daquele tempo (5.34 e segs.). Era considerado um aluno brilhante (Gl 1.14) e um zeloso fariseu (Fl 3.5). Agora Saulo executou o papel do mais zeloso representante dos judeus na perseguição à igreja. A violência de sua perseguição está descrita em Atos 26.10, 11. Seu alvo era compelir os cristãos a negar a sua fé sob pena de prisão e até mesmo morte. Não sabemos até onde era comum o martírio nessa perseguição.

O sumo sacerdote, presidente do Sinédrio, tinha os judeus de toda a Palestina sob a sua jurisdição. Saulo obteve do sacerdote cartas de extradição para as sinagogas de Damasco a fim de trazer de volta a Jerusalém, em cadeias, qualquer cristão que para lá tivesse fugido. Havia uma comunidade judia em Damasco de cerca de dez a dezoito mil pessoas. Caminho. Uma palavra usada para descrever a fé cristã (19.9, 23; 22.4; 24.14, 22).

Parece que as coisas estavam piorando cada vez mais. Havia agora uma pessoa obstinada a acabar com cada crente que pudesse encontrar, e com autorização oficial para fazer isso. Mas Lucas mostra que a igreja não está lançada a sua própria sorte e que a expansão do evangelho não pode falhar. Por isso aquele que antes era o pior perseguidor da igreja, tornou-se pelo poder de Deus seu maior defensor.

O Senhor tinha uma incumbência especial para Saulo (At 26.16-18). O hebreu zeloso se tornaria o apóstolo aos gentios; o perseguidor se tornaria um pregador; e o fariseu legalista se tornaria o proclamador da graça de Deus. Até aquele momento, Saulo havia agido como um animal selvagem, lutando contra os aguilhões, mas se tornaria um vaso de honra, um instrumento usado pelo Senhor para pregar o evangelho até os confins da Terra. Que transformação!

É interessante observar em Atos 9 os nomes diferentes usados para o povo de Deus: discípulos (At 9.1, 10, 19, 25, 26, 36,38), os que são do Caminho (At 9:2), santos (At 9.13, 32, 41), todos os que invocam o nome de Deus (At 9.14, 21) e irmãos (At 9:17,30). Costumamos usar o termo cristãos, mas essa designação só surgiu mais tarde (At 11.26). O termo mais usado no Livro de Atos é "discípulos", mas não encontramos essa mesma designação nas epístolas. Nelas, o termo santo é o título usado com mais frequência para o povo de Deus.

Houve receio tanto de Ananias (13,14) quanto da igreja (26,27) em receber Saulo como irmão. Aquilo poderia ser muito bem uma armadilha para penetrar entre os cristãos escondidos. Porém, a conversão de Saulo foi uma demonstração maravilhosa da sabedoria de Deus em executar seus planos. Pedro, por mais que fosse um homem de Deus, carregava ainda muitas reservas com relação ao povo gentio (At 10). E isso dificultaria a Pedro cumprir a ordem de Cristo de ir não só a Jerusalém (judeus), mas até aos confins da terra (gentios). Esta foi a exata razão para Deus chamar um homem que não teria problemas em fazer isso – Saulo (15). O próprio Paulo diz que a Pedro Deus deu o ministério da circuncisão (ministrar aos judeus) e a ele o ministério da incircuncisão (ministrar aos gentios) (Gl 2.7,8). A perseguição contra a igreja começa por causa de Saulo e cessa por causa dele (31).

Os acontecimentos de At 9.32-43 servem para retornar aos atos de Pedro (depois de interromper com os acontecimentos da conversão de Saulo) e mostrar como ele chegará à casa de Cornélio para apresentar o evangelho aos gentios. Lucas parece que está querendo mostrar Pedro lentamente rompendo os preconceitos judaicos e dificuldade de apresentar o evangelho aos gentios. As curas e a ressurreição de Dorcas fizeram propaganda poderosa do evangelho na cidade de Jope e leva Pedro a casa de Simão. O curtidor de couro estava envolvido no tratamento de peles de animais mortos e assim tinha contato com a impureza, de acordo com a lei judaica; por isso, era desprezado por muitos. A decisão de Pedro, de hospedar-se com ele, já demonstra uma disposição de rejeitar o preconceito judaico e prepara o caminho para sua visão iminente e para a missão junto aos gentios.

2. . A VISITA DE PEDRO A CORNÉLIO (At.10)

O décimo capítulo de Atos nos relata uma história que marca uma das maiores mudanças na vida da Igreja. Pela primeira vez se admitirá um gentio na comunidade cristã. Agora Lucas registra um passo final muito importante na expansão do Evangelho aos gentios. Sua importância foi indicada porque Lucas registrou duas vezes a visita de Pedro a Cornélio. Esse passo levantou alguns problemas difíceis tais como o contato social entre os cristãos judeus e gentios e os termos da admissão dos gentios na igreja. Esta questão transformou-se no tema da conferência em Jerusalém em Atos 15.

Alguns poucos gentios converteram-se ao judaísmo e aceitaram todas as práticas judias, inclusive a circuncisão. Um número maior rejeitou a circuncisão, mas aceitou a crença judia em Deus, a adoração na sinagoga, os ensinamentos éticos do V.T., e algumas das práticas religiosas dos judeus. Essas pessoas, que eram chamadas de tementes a Deus, conheciam bem a versão grega do V.T, que era lida nas sinagogas. Esses homens devotos e tementes a Deus foram o solo mais fértil para o Evangelho se enraizar. Cornélio era um "semi prosélito" desse tipo. Seu caráter piedoso manifestava-se por suas esmolas liberais ao povo e suas orações regulares a Deus.

Jope fica cerca de trinta milhas de Cesaréia. Os três mensageiros partiram de Cesaréia cedo de manhã e chegaram a Jope cerca de meio-dia. Enquanto isso, Deus estava preparando Pedro para recebê-los.

Pedro pregou o Evangelho a Cornélio, destacando que embora Deus enviasse a sua Palavra primeiro a Israel, Jesus é realmente o Senhor de todos os homens. Imediatamente Pedro reconheceu que os gentios deviam ser introduzidos na comunidade da igreja e por isso ordenou que Cornélio e sua família fossem batizados no nome de Jesus Cristo.

A notícia de que os gentios receberam o Evangelho alcançou os apóstolos e os cristãos judeus na Judéia. Ao que parece Pedro foi chamado a Jerusalém e alguns dos cristãos judeus de lá discutiram com ele sobre a conveniência de se entrar em tal comunhão com os gentios, comendo com eles. (At 11.1-18)

A exposição de Pedro satisfaz o partido da circuncisão por algum tempo. Mas a questão do "status" dos cristãos gentios na igreja tinha o destino de logo mais levantar-se novamente e criar um sério problema.

3. ORGANIZAÇÃO DE UMA IGREJA GENTIA EM ANTIOQUIA. (11:19-30).

Esta seção delinea um novo estágio na expansão da igreja desde a comunidade judia em Jerusalém até à comunidade universal.

Anteriormente, Lucas contou a inclusão dos samaritanos na igreja e a conversão de uma só família de gentios, a de Cornélio. Agora ele descreve o começo da primeira congregação independente de gentios em Antioquia, que viria a ser a "igreja mãe" da missão gentia na Ásia e Europa. A narrativa de At 11.19 retoma os acontecimentos de 8:4 e a perseguição de Saulo (v.20).

Alguns dos crentes que vieram da ilha de Chipre e Cirene no Norte da África (cons.13:1) foram a Antioquia e lançaram o Evangelho em uma nova direção. Esta nova aventura teve sucesso imediato, e a igreja-mãe em Jerusalém enviou Barnabé para supervisionar e confirmar a nova igreja tal como Pedro e João supervisionaram a nova igreja em Samaria (8:14-17). Barnabé, conforme seu nome sugere, tinha o dom de fornecer encorajamento aos novos cristãos, e ele exortou os novos convertidos a permanecerem fiéis e a perseverarem com firmeza de coração (v.25,26).

Logo Barnabé percebeu que a igreja crescente precisava de orientação adicional, e sua mente se voltou para Saulo de Tarso, que sem dúvida estava ocupado em trabalho missionário nas vizinhanças de sua cidade natal (9:30; Gl 1:21). Depois de alguma dificuldade, ele encontrou Saulo e o trouxe a Antioquia, onde passaram todo um ano trabalhando na igreja. A crescente importância da igreja em Antioquia exemplifica-se pelo socorro prestado à igreja-mãe em Jerusalém por ocasião de uma fome. (v.27).

4. PERSEGUIÇÃO PELAS AUTORIDADES GOVERNAMENTAIS (At 12. 1-25)

Lucas interrompe o fluxo de sua narrativa para registrar um acontecimento que sucedeu alguns anos antes. Considerando que Herodes morreu em 44 A.D., a missão por ocasião da fome deve ter ocorrido cerca de 46 A.D.

A comunidade de Jerusalém já tinha encontrado a oposição dos líderes religiosos judeus logo no começo. Agora pela primeira vez, Lucas registra a perseguição feita pelas autoridades governamentais da Palestina. Não veio dos líderes romanos, mas de um rei judeu. A morte de Tiago foi o primeiro martírio de um apóstolo e demarcou uma nova atitude de hostilidade da parte do povo judeu em relação à igreja.

Sabe-se que Herodes seguiria política de procurar agradar aos desejos do público, e como o povo gostou de vê-lo executando Tiago resolveu prender também Pedro. Os dias dos pães asmos, os sete dias que seguiam à Páscoa, eram dias santos, quando uma execução não seria apropriada.

Depois de lhes contar como escapara, Pedro "saiu às ocultas" e Lucas não fala mais sobre as suas atividades. Entretanto, a tradição que diz que ele foi a Roma é refutada em Atos 15:2, pois Pedro esteve presente ao concílio de Jerusalém.

EXERCÍCIOS

- 1) Qual a importância de Deus ter escolhido derramar o Espírito Santo na festa do Pentecostes?
- 2) Qual era sempre o teor da pregação de Pedro?
- 3) O que fizeram quando apareceu o primeiro obstáculo para anunciar o evangelho?
- 4) Qual foi o resultado causado nos incrédulos aos terem conhecimento da morte de Ananias e Safira operado sob autoridade apostólica?
- 5) O que estava por detrás do problema de esquecimento na assistência as viúvas na igreja?
- 6) Qual o sentido de terem escolhido para cuidar "deste importante negócio" apenas pessoas de nome grego?
- 7) Por que a pregação feita por Estevão os deixou os líderes religiosos tão revoltados?
- 8) O que aconteceu com a fuga dos cristãos de Jerusalém por causa da perseguição?

- 9) Quem encabeçou esta perseguição e por quê?
- 10) Quem iniciou a igreja em Samaria?
- 11) Qual a relação do chamado de Paulo e a expansão do evangelho “até aos confins da terra”?
- 12) Qual a importância da conversão de Cornélio e por que Pedro teve que dar explicações sobre ter pregado a ele e sua família?
- 13) Qual a primeira igreja gentílica e quem foi enviado para organizá-la?
- 14) Quando a igreja de Antioquia estava precisando de ensinamento mais sólido, quem foi enviado para lá?
- 15) Quem foi o primeiro apóstolo a ser martirizado?
- 16) Por que Pedro não é mais citado depois do capítulo 12 de Atos?

PARTE 3 - Paulo – O missionário entre os gentios. (12.25 – 28.31)

I. 13:1–16:5; FALA DA PROPAGAÇÃO DA IGREJA NA ÁSIA MENOR E DA VIAGEM DE PREGAÇÃO POR GALÁCIA. FINALIZA: “Assim, as igrejas eram fortalecidas na fé e, dia a dia, aumentavam em número.”

Aqui começa o evangelho até os confins da terra com primeira das três viagens missionárias de Paulo que durou cerca de três anos. A igreja que começou em Jerusalém espalhou-se pela Judéia, Samaria e Antioquia da Síria, agora está para alcançar todo o mundo conhecido na época.

Nesta primeira viagem Paulo (junto com Barnabé e Marcos) realiza seu ministério em seis cidades começando e retornando em Antioquia (At 14.26)

Sua primeira parada é Chipre, moradia de Barnabé (At.4.36), onde ocorre o confronto com Simão e a pregação ao próconsul. O evangelho já tinha chegado a esta ilha através dos cristãos que fugiram com o martírio de Estevão (At 11.19,20).

A partir de agora em Atos, Saulo é chamado Paulo. Isso talvez se deva ao fato de ter tido sucesso na pregação a Sérgio Paulo, senão ao fato de agora estar entrando na fase gentílica de seu ministério. A ordem em que é mencionado muda, agora, de “Barnabé e Saulo” para “Paulo e Barnabé”. Quando voltaram à igreja de Antioquia, no entanto, a ordem volta a ser “Barnabé e Paulo” (15.12). Esta atitude de Marco deixa Paulo completamente decepcionado rejeitando-o posteriormente como membro da equipe (At 15.36).

2. A DESISTÊNCIA DE MARCOS DA MISSÃO

De Pafos (CHIPRE) navegam para Perge de onde João Marco abandona os companheiros e a viagem missionária (v.13). É possível que a razão tenha sido porque Paulo se tornou chefe da campanha missionária no lugar do seu primo Barnabé ou porque tinha resistências a pregação aos gentios – missão que Paulo a partir daqui parece incorporar.

Ao acompanhar as viagens de Paulo em Atos, observa-se que ele escolhia cidades estratégicas para fundar igrejas e, a partir destas, evangelizava as regiões ao redor. Também se observa que, onde era possível, começava seu ministério na sinagoga local, pois sentia grande responsabilidade por seu povo (Rm 9:1-5; 10:1). Nas sinagogas, encontrava tanto judeus quanto gentios dispostos a ouvir a Palavra de Deus.

Em cada nova cidade que chegavam Paulo e Barnabé buscavam uma sinagoga e por isso de Perge eles vão para uma sinagoga em Antioquia da Pisídia. Um culto judeu na sinagoga consistia principalmente de orações, leitura da lei e dos profetas, e a exposição da leitura, que podia ser feito por qualquer um da congregação.

3. PAULO É APEDREJADO E QUASE MORTO (At.14)

Paulo e Barnabé seguem para Icônio para pregar em uma sinagoga. A partir daqui, Lucas mostra a crescente rejeição e oposição mortal dos judeus ao evangelho e a Paulo. (14.1 – 7). Esta oposição quase custou a vida de Paulo quando em Lista e Derbe ele é apedrejado.

É interessante notar que Paulo ao pregar para os gentios não usa o Antigo Testamento como fazia com os judeus. Judeus conhecem e confiam no Antigo

Testamento, mas os pagãos baseiam-se na natureza. E é assim que Paulo procura alcançar sua atenção e coração—indicando o testemunho de Deus na criação (At 14.15-18 cf. At 17.22).

4. DE VOLTA A ANTIOQUIA. Relatório: os gentios receberam o evangelho! (v.21-28)

Depois de sobreviver do apedrejamento Paulo e Barnabé retornam pelo caminho de onde vieram confirmando a fé dos discípulos a quem haviam pregado e retornaram para Antioquia a fim de prestar relatório dos seus trabalhos missionários.

5. CONCÍLIO EM JERUSALÉM - MOMENTO DECISIVO PARA A IGREJA (1Co 15)

a) Qual o motivo deste concílio?

A notícia de que o evangelho estava se espalhando entre os gentios chegou até a igreja a primeira, Jerusalém. Desceram da Judéia para Antioquia alguns fariseus convertidos e participantes desta igreja. Seu propósito ao ir a Antioquia era impor que aqueles novos crentes gentios deveriam guardar a lei mosaica a fim de serem considerados salvos e aceitos pela igreja. Isso poderia arruinar todo trabalho missionário que Paulo e Barnabé realizam com tanta dificuldade. Razão pela qual se oporão radicalmente a esta opinião. Como a salvação oferecida somente pela graça aos gentios poderia exigir deles agora a guarda de princípios judaicos para salvação? Este debate fez com que o problema fosse levado a igreja de Jerusalém. (v.1-4)

b) Quais as opiniões apresentadas?

- Os fariseus – é necessário circuncidá-los e obrigar-lhes a guarda da lei.
- Pedro – Deus já me mostrou que Ele purificou os gentios pela fé. Não há mais diferença entre eles e nós. Já receberam o Espírito Santo. Não devemos impor fardos que nem nós suportamos.

- Tiago, o pastor da igreja – As Antigas Escrituras já profetizavam isso.

c) Quais as soluções aprovadas?

Duas igrejas diferentes existiam agora: a igreja judia em Jerusalém, na qual os cristãos judeus tinham a liberdade de continuarem praticando a lei do V.T. como judeus, entretanto, não como cristãos; e a igreja gentia de Antioquia, onde nenhuma das exigências cerimoniais judias eram praticadas. Ou os cristãos judeus tinham de deixar de lado suas práticas judias para comer com os gentios, ou os gentios teriam de aceitar toda a lei de Moisés; caso contrário haveria uma igreja dividida. Tiago, o pastor da igreja propõe, “Portanto, julgo que não devemos pôr dificuldades aos gentios que estão se convertendo a Deus. Ao contrário, devemos escrever a eles, dizendo-lhes que se abstenham de comida contaminada pelos ídolos, da imoralidade sexual, da carne de animais estrangulados e do sangue. Pois, desde os tempos antigos, Moisés é pregado em todas as cidades, sendo lido nas sinagogas todos os sábados”. (At 15.19-21).

Nesta última nota Tiago toca naquilo que seria terrível escândalo para os cristãos judeus na igreja caso os gentios convertidos ignorassem tais preceitos. Mostrando assim que o propósito deve ser a tolerância e a comunhão. Os judeus toleravam os gentios e os gentios aos judeus nestas questões.

d) Quais os resultados consequentes?

A resolução da igreja foi enviada aos cristãos gentios da Antioquia por carta e profetas (Silas e Judas) e a notícia foi libertadora aqueles que haviam sido constrangidos com judeus não autorizados que vieram de Jerusalém. (v.30-32).

Este foi um momento decisivo na igreja para que a expansão do evangelho no cumprimento da ordem de Cristo se cumprisse. O evangelho não poderia chegar até aos confins da terra caso este evangelho se parecesse tão somente com um judaísmo alterado.

6. PAULO E BARNABÉ SE SEPARAM

A desistência de Marcos em Perge (At 13.13) teve suas consequências aqui. Quando Paulo propõe retornar as igrejas que fundaram na primeira viagem

missionária para confirmar a fé dos cristãos, Barnabé quer levar Marcos na equipe a Paulo na acha prudente devido à inconsistência de Marcos.

Os dois não chegam a uma conclusão na questão e decidem separar-se a partir daqui. Esta separação não foi uma separação de relacionamentos, mas ministerial, pois embora Barnabé e Marcos não apareçam mais em Atos, em 1Co 9.6, Paulo cita Barnabé como exemplo nobre de trabalhar para sustentar a si mesmo. Também em Gl 2.11-13 faz-se referência a uma situação em Antioquia que inclui Barnabé. Segundo parece, Marcos voltou do trabalho com Barnabé e passou a associar-se a Pedro (v. 1Pe 5.13). Durante o primeiro encarceramento de Paulo, Marcos estava incluído no grupo desse apóstolo (v. Cl 4.10; Fm 24). Paulo, perto do fim da vida, chegou a admirar Marcos a ponto de pedir que fosse passar com ele seus últimos dias (2Tm 4.11).

A solução foi dividir o território e a formação de duas equipes missionárias. Barnabé foi para Chipre, sua terra natal, levando consigo Marcos; Paulo chamou Silas e ambos se dirigiram à Síria e Cilícia (ver At 15:23,39-41). O nome "Silas" é, provavelmente, uma versão grega do nome Saulo. Foi coautor com Paulo das Epístolas aos Tessalonicenses e secretário de Pedro quando este escreveu sua primeira epístola (1Pe 5:12). Como Paulo, também era cidadão romano (At 16:37).

II. **16:6—19:20; RELATA A EXPANSÃO DA IGREJA NA EUROPA E A TAREFA DE PAULO NAS GRANDES CIDADES GENTIS COMO CORINTO E ÉFESO.** Seu resumo é: "Assim crescia e prevalecia poderosamente a palavra do Senhor."

1. O CHAMADO DE TIMÓTEO (At 16.1-10)

Com Marcos para outros rumos, Paulo escolhe outro jovem como companheiro na viagem missionária – Timóteo. É provável que Timóteo tenha se convertido pelo ministério do apóstolo, quando este visitou Listra pela primeira vez, pois Paulo chamou-o de "meu filho amado" (1 Co 4:17) e de "verdadeiro filho na fé" (1 Tm.1:2). A mãe e a avó de Timóteo haviam preparado o caminho para sua conversão ao serem as primeiras da família a crer em Cristo (2 Tm 1:5). Por certo, o jovem Timóteo testemunhou o sofrimento de Paulo em Listra (At 14:19, 20; 2 Tm 3:10, 11), e o Senhor aproximou-o do apóstolo. Timóteo foi o

companheiro e colaborador predileto de Paulo (Fp 2: 19-23), talvez o filho que Paulo nunca teve, mas sempre quis. A razão para Paulo circuncidá-lo era para que não houvesse barreiras nem entre os gentios, nem entre os judeus (v.3).

Lucas enfatizando a ação de Deus na expansão da igreja mostrar como a rota missionária era de fato conduzida pelo Espírito Santo. Quando os missionários desejavam ir para uma direção que não era a pretendida por Deus, eles eram redirecionados. Paulo foi barrado, primeiro à esquerda, de modo que não fosse à província da Ásia; depois, à direita, para que não fosse a Bitínia. Por fim foram para Trôade. Com uma visão Paulo concluiu que deveria ir para aos Macedônios. (v.10).

Aqui começam os trechos de Atos que empregam o verbo na primeira pessoa do plural (“nós”) (v. “Introdução: Autor”). A conclusão é que Lucas está informando ao leitor o fato de ele ter-se unido ao grupo em Trôade. Trôade ficava a cerca de 240 quilômetros de Neápolis, o porto de Filipos, ou seja, cerca de dois dias de viagem.

2. A REVOLUÇÃO EM FILIPOS (At 16.11-40)

Em Filipos Deus abra uma porta da palavra, o coração de Lídia e os cárceres da prisão onde Paulo e Silas foram colocados. Ao que parece não havia uma colônia judia ou sinagoga em Filipos. Dez homens eram suficientes para se constituir uma sinagoga. Com a conversão de Lídia e sua família, inicia a igreja em Filipos. Posteriormente a igreja cresceu com a conversão do carcereiro e sua família. É importante notar que os membros desta igreja tinham posições sociais importantes para o avanço do evangelho no local. A razão para Paulo exigir retratação pública das autoridades locais, deve-se ao fato de que Paulo e Silas iriam embora, mas o evangelho pregado por eles ficaria ali, e não poderia deixar a impressão negativa aos futuros ouvintes.

3. REAÇÕES AO EVANGELHO PROCLAMADO (At.17)

- *Em Tessalônica - resistiram à Palavra (At 17:1-9)* - Lucas novamente mostra como pessoas chaves estão abraçando o evangelho pregado por Paulo. E igualmente a constante oposição judaica a estes resultados. Estes judeus instigam a oposição. Para os judeus, a blasfêmia era a

acusação mais grave, mas para os romanos era pior a traição — apoiar um rei rival de César. Lucas deixa uma nota singular. “Esses homens, que têm causado alvoroço por todo o mundo, agora chegaram aqui,” (v.6), mostrando que o evangelho com seus efeitos estava sendo divulgado mesmo onde ainda não havia sido pregado.

- *Beréia - Receberam a Palavra* (At 17:10-15) - Paulo e Silas se dirigiram a Beréia, cerca de 70 quilômetros de Tessalônica, ao que parece, Timóteo não estava com eles, e é provável que tenha ficado trabalhando em Filipos. Posteriormente, se reuniria com Paulo em Atenas (At 17:15). Em Beréia, Paulo foi à sinagoga, onde encontrou um grupo de pessoas extremamente interessadas no estudo das Escrituras do Antigo Testamento, mas os judeus incrédulos de Tessalônica foram a Beréia e instigaram o povo da cidade (ver 1 Ts 2:13-20). Os cristãos de Beréia foram mais astutos que o inimigo e levaram Paulo para o mar, colocando-o a bordo de um navio para Atenas. Silas e Timóteo reuniram-se com Paulo mais tarde em Atenas, e Timóteo foi enviado a Tessalônica para ajudar os cristãos dessa cidade (1Ts 3:1-6).
- *Atenas - ridicularizaram a Palavra* (At 17:16-34) - Por essa época, Atenas encontrava-se em um período de declínio, mas ainda era reconhecida como centro cultural e acadêmico. A glória de sua política e comércio havia há muito desvanecido. A cidade possuía uma universidade e diversas construções famosas, mas não era mais tão influente quanto em outros tempos. Havia se entregado a uma forma refinada de paganismo, alimentada pela idolatria, filosofia e pelo gosto por novidades (At 17:21). Hoje, admiramos as esculturas e a arquitetura gregas como belas obras de arte, mas no tempo de Paulo, grande parte dessas obras se relacionava diretamente à religião.

4. O EPICURISMO E O ESTOICISMO. (v.18)

Ao testemunhar em Atenas, Paulo teve de confrontar filosofias antagônicas: o epicurismo e o estoicismo. Hoje em dia, associamos a ideia de epicurismo à apreciação da "boa vida", especialmente da gastronomia. Mas a filosofia epicurista ia muito além. Em certo sentido, Epicuro, fundador dessa escola de pensamento,

era um "existencialista" que buscava a verdade por meio das experiências pessoais, não do raciocínio.

Os epicureus eram materialistas e ateus, e seu objetivo na vida era sentir prazer. Para alguns, o "prazer" representava tudo o que era inteiramente físico; mas, para outros, significava uma vida de serenidade refinada, sem qualquer dor ou ansiedade. O verdadeiro epicureu evitava os extremos e procurava desfrutar a vida mantendo um equilíbrio sem, no entanto, deixar de ter o prazer como grande alvo.

Os estóicos rejeitavam a idolatria dos cultos pagãos e ensinavam que havia um "Deus Mundial". Eram panteístas e enfatizavam a disciplina e o domínio-próprio. O prazer não era bom e a dor não era má. A coisa mais importante da vida era seguir a própria razão e ser autossuficiente sem se deixar abalar pelos sentimentos interiores e as circunstâncias exteriores. Por certo, tal filosofia só alimentava o orgulho e ensinava que o ser humano não precisa da ajuda de Deus. Os epicureus diziam "aproveite a vida!", enquanto os estóicos diziam "aguarde a vida!", mas cabia a Paulo explicar que poderiam receber a vida pela fé no Filho ressurreto de Deus (v.31-34).

5. O DEUS DESCONHECIDO (V.22-34)

Essa mensagem de Paulo é uma obra prima da comunicação. O apóstolo partiu daquilo que o povo conhecia, referindo-se a seu altar dedicado a um deus desconhecido. Depois de despertar o interesse dos ouvintes, explicou quem é esse Deus e como ele é. Concluiu sua mensagem com uma aplicação pessoal que colocou uma decisão moral diante de cada membro do conselho, sendo que alguns deles decidiram em favor de Jesus Cristo.

Nessa mensagem, que se parece seu sermão em Listra (At 14:15-17), Paulo compartilhou quatro verdades fundamentais sobre Deus. A grandeza de Deus: ele é o Criador (v.24). A bondade de Deus: ele é o Provedor (v. 25). O governo de Deus: ele é o Soberano (v. 26-29). A graça de Deus: ele é o Salvador (vv. 30-34).

6. DE ATENAS PARA LEVAR O EVANGELHO EM CORINTO (At.18)

O apóstolo deixando Atenas partiu para Corinto, onde aguardou a chegada de Timóteo e Silas vindos da Macedônia. Corinto era a cidade mais importante a que

Paulo viera, ao deixar a Antioquia da Síria, e nela ficou mais tempo que qualquer outra cidade (tanto quanto sabemos). Cerca de dezoito meses. Com uma população de cerca de duzentas mil pessoas, Corinto não devia ser o lugar mais fácil do império romano onde começar uma igreja, no entanto, foi para lá que Paulo se dirigiu sozinho, quando partiu de Atenas. Foram tempos difíceis, mas o Apóstolo não desistiu.

Corinto era conhecida em todo o império romano por sua perversidade (Rm1:18-32 foi escrito em Corinto!). Graças a sua localização, a cidade era um centro comercial e ponto de parada de viajantes. Dinheiro e depravação, filosofias estranhas e novas religiões - tudo era bem recebido ali. A cidade era capital da Acaia e uma das duas cidades mais importantes que Paulo visitou. A outra foi Éfeso.

Paulo de Tarso aprendeu a fazer tendas de couro e se sustentou enquanto exercia seu ministério (ver At. 18:3; 1Co 9:6-15; 2 Co.11 :6-10). Pela providência de Deus, encontrou um casal judeu - Áquila e Priscila ("Prisca"; 2Tm 4:19), que, como Paulo, trabalhavam com couro. Amigos como Áquila e Priscila, Silas e Timóteo e os cristãos generosos da Macedônia permitiram que Paulo servisse melhor a Deus. No momento de maior necessidade, Paulo recebeu encorajamento tanto de amigos cristãos que conhecia há anos quanto dos que havia acabado de conhecer.

Com a rejeição e oposição dos judeus, Paulo deixou a sinagoga e passou a usar a casa de Tício Justo como seu local de pregação, sendo importante lembrar que a casa de Tício ficava exatamente ao lado da sinagoga! Sem dúvida, foi uma decisão sábia de Paulo, pois, assim, continuou a ter contato com judeus e gentios prosélitos, e, como resultado, até o chefe da sinagoga se converteu.

7. DE VOLTA A ANTIOQUIA – HORA DO RELATÓRIO

Depois de 18 meses de ministério, Paulo entendeu que era a vontade de Deus que deixasse Corinto e voltasse para sua igreja em Antioquia. Ao chegar a Cesaréia, Paulo subiu até Jerusalém e saudou os cristãos da cidade. Em seguida, foi a Antioquia e relatou a sua igreja de origem tudo o que Deus havia feito em sua segunda viagem missionária. Depois de algum tempo, partiu para sua terceira viagem missionária. (v.23)

Quando Paulo partiu de Éfeso a fim de ir para Jerusalém, deixou na cidade seus amigos Áquila e Priscila para que dessem testemunho na sinagoga. Podemos apenas imaginar a surpresa deles quando, certo sábado, ouviram um mestre judeu chamado Apolo ensinar as mesmas verdades nas quais eles criam e que também ensinavam!

Apolo conhecia bem as Escrituras do Antigo Testamento e as ensinava com eloquência e poder. O único problema era que esse homem cheio de entusiasmo proclamava um evangelho incompleto. Sua mensagem só chegava até João Batista. Não sabia coisa alguma acerca do Calvário, da ressurreição de Cristo nem da vinda do Espírito em Pentecostes

8. O EVANGELHO EM ÉFESO (At 19)

Atos 19 se dedica principalmente ao trabalho de Paulo em Éfeso. Paulo permaneceu mais tempo nesta cidade que em qualquer outra parte, pois deve ter estado ali quase três anos. Com a apresentação de Apolo e estes discípulos de João, Lucas parece querer mostrar que o evangelho além de não ser uma ramificação do judaísmo, também distinguia da mensagem de João Batista, o último profeta.

No v.10 vemos mais uma vez a estratégia missionária de Paulo. Mais uma vez por causa da oposição Paulo deixou a sinagoga e transferiu seu ministério para uma sala de aula, levando consigo seus discípulos. É provável que usasse a sala "fora do expediente" (das 11 da manhã às 4 da tarde), quando muitos ainda estavam descansando. Paulo ministrou dessa forma por mais ou menos dois anos, "dando ensejo a que todos os habitantes da Ásia ouvissem a palavra do Senhor, tanto judeus como gregos" (At 19: 10).

O sucesso do evangelho em Éfeso foi maravilhoso. A cidade está sofrendo uma mudança nunca vista. O ocultismo estava sendo vencido pelo evangelho. O valor total dos livros de artes mágicas queimados era equivalente ao salário anual de 150 homens!

Com esta vitória, Lucas encerra outro resumo com o maravilhoso relato: "Dessa maneira a palavra do Senhor muito se difundia e se fortalecia". (v.20)

III. 19:21–28:31; FALA-NOS DA CHEGADA DE PAULO A ROMA E DE SUA PRISÃO ALI. TERMINA COM UMA DESCRIÇÃO DE PAULO “pregando o reino de Deus, e, com toda a intrepidez, sem impedimento algum, ensinava as coisas referentes ao Senhor Jesus Cristo”.

Em Atos 19:21, encontramos a primeira menção do plano de Paulo de ir a Roma. A execução desse plano é descrita na última terça parte do Livro de Atos. Em breve, Paulo escreveria aos cristãos de Roma e lhes expressaria o seu desejo (Rm 1:13-15; 15:22-29). Antes, porém, precisava visitar as igrejas na Macedônia e Acaia, a fim de completar a "oferta de amor" que levantava para os cristãos necessitados em Jerusalém (At 24:17; Rm 15:25-33; 1 Co 16:3-7).

Na confusão promovida pelo ourives Demétrio, Lucas deixa claro que a perseguição contra a igreja foi incitada por judeus incrédulos, não por romanos. (v.19; At. 9.23,24; 14.5; 23.12,15,30; 25.3; 2Co 11.26; 1Ts 2.16)

Paulo parte então de Éfeso para Trôade e depois de visitar as igrejas da Macedônia, Paulo chegou a Grécia, ou Acaia, e lá ficou três meses, provavelmente em Corinto. Durante esse tempo ele escreveu a Epístola aos Romanos, informando os crentes de Roma do seu propósito de visitar Jerusalém e depois Roma (Rm. 15:22-29). Quando Paulo ia tomar o navio de Corinto para a Síria, ficou sabendo que os judeus tinham planejado conspiração para matá-lo durante a viagem. Mudou de planos e, viajando por terra através da Macedônia, voltou por onde viera.

Aqui começa a segunda parte com o pronome "nós" que vai até 20:15 e continua em 21:1. Lucas fora deixado em Filipos na segunda viagem de Paulo (16:16). Agora se reuniu novamente ao apóstolo em Filipos e foi com ele até Jerusalém. O restante do grupo prosseguiu e encontrou-se com Paulo em Trôade.

1. A DESPEDIDA DE PAULO AOS PRESBITEROS (20.13-38)

Paulo convoca aos presbíteros de Efésio para prestar contas de suas atividades missionárias e despedir-se deles. (v.29, 30). Paulo predisse que a igreja dos efésios teria dificuldades oriundas de duas fontes: lobos vorazes que entrariam na igreja vindos de fora, e falsos mestres que se levantariam no meio

dela para desviar da fé os discípulos. O desenvolvimento da heresia em Éfeso reflete-se em I Tm 1:3-7.

Paulo adianta que estava impulsionado ir a Jerusalém e que seria preso. (v.23,24). Suas palavras de despedida entristeceram a todos. Mas a expectativa dos anciãos efésios de que não veriam mais o seu rosto não precisa ser compreendida como profecia rígida e inflexível de que Paulo não visitaria mais Éfeso. As Epístolas Pastorais indicam um ministério posterior à sua prisão em Roma. Entretanto, ela reflete, como em 20:22, 24, a expectativa de que sérias dificuldades e uma possível morte estavam diante de Paulo. (v. 36-38.)

Em todos os lugares que Paulo passava confirmando seus discípulos, os irmãos tentavam-no impedi-lo de ir a Jerusalém ao custo da sua vida. Mas Paulo mostra seu compromisso e determinação: "Estou pronto não apenas para ser amarrado, mas também para morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus" (At 21.13).

Nada podia ter sido mais definido que a advertência dos discípulos em Tiro e de Ágabo em Cesaréia (At 21.1-16). Mas apesar de tudo isso, Paulo seguiu para Jerusalém onde seria preso. A determinação de Paulo tem por trás uma determinação divina, pois o evangelho deveria chegar até aos confins da terra (Roma) e Jesus o chamara para "levar o meu nome perante os gentios e seus reis, e perante o povo de Israel. Mostrarei a ele o quanto deve sofrer pelo meu nome" (At 9.15,16).

Ao chegar a Jerusalém Paulo foi recebido com alegria por muitos por causa do seu relatório missionário, mas também havia muitas críticas falsas a seu respeito de que ele estava com o evangelho destruindo os costumes judaicos em seu povo. Paulo toma iniciativas para inutilizar estas acusações. (At 21.17-26).

Havia no templo um muro que separava o pátio dos gentios das demais áreas, e os gentios não tinham permissão de ir além do muro (ver Ef 2:14). Uma inscrição solene no muro dizia: "Nenhum forasteiro pode ultrapassar esta barreira que cerca o santuário e seus recintos. Qualquer intruso pego em flagrante será culpado da morte resultante". Os romanos concederam aos líderes religiosos judeus a autoridade de tratar de qualquer um que transgredisse essa lei, dando-lhes, inclusive, o direito de realizar execuções. Essa lei tem papel importante no

que sucedeu a Paulo uma semana depois que ele e os quatro nazireus começaram suas cerimônias de purificação.

2. PAULO É PRESO EM JERUSALÉM (21.27ss.)

Era época do Pentecostes e alguns judeus da Ásia viram Paulo no templo e concluíram, precipitadamente, que ele havia profanado os recintos sagrados levando gentios para dentro do templo. Agarraram Paulo e o teriam linchado, caso os guardas romanos não tivessem intervindo no último instante (havia pelo menos mil soldados no forte de Antônia, na extremidade noroeste da área do templo). A multidão no templo se alvoroçou toda, mesmo sem fazer ideia do que se passava.

3. A PRIMEIRA AUTODEFESA DE PAULO (At 22)

Paulo inicia sua autodefesa contando sua história passada, sua experiência de conversão e seu chamado divino por Cristo. Paulo mostrou que era um enviado de Deus para anunciar a salvação. Até aqui tudo bem, até que Paulo disse: ...salvação aos gentios. O povo foi possuído de ira mortal e quase animalesca contra Paulo. Pois não era seu maior problema anunciar Jesus como salvador, mas sim como salvador dos gentios (v.1-21). Quando Cláudio viu que a multidão se revoltava outra vez, levou Paulo para dentro do quartel para que, "sob açoite, fosse interrogado". O apóstolo já havia mencionado que era de Tarso, mas não lhes falara de sua cidadania romana. Era ilegal açoitar um cidadão de Roma (v.22-29).

Cláudio deve ter ficado estarelecido ao descobrir que esse agitador judeu, que falava aramaico e grego era, na verdade, um cidadão romano. "A mim me custou grande soma de dinheiro este título de cidadão", disse ele cheio de orgulho, indicando que havia obtido sua cidadania mediante suborno de magistrados romanos, pois, na realidade, tal título não podia ser comprado. Mas Paulo levava vantagem sobre o comandante, pois havia nascido em liberdade e como cidadão romano graças a seu pai.

Os soldados haviam cometido dois erros: acorrentaram Paulo e planejaram açoitá-lo, portanto se apressaram a remediá-los. Por certo, Cláudio e seus homens trataram Paulo com toda gentileza depois que descobriram que era cidadão romano.

4. PAULO PERANTE O SINÉDRIO(At.23.1-5)

Quando Paulo começa sua própria defesa diante do Sinédrio leva um tapa do Sumo sacerdote ao se dirigir ao conselho como "irmãos" ao invés de príncipes de Israel. Ao chamar Ananias de "parede branqueada", Paulo disse simplesmente que era um hipócrita (Mt 23:27; ver Ez 13:10-12). As palavras de Paulo foram proféticas, pois, de fato, Deus feriu esse homem perverso. Quando os judeus se revoltaram contra, Roma no ano 66 d.C, Ananias teve de fugir, pois o povo sabia que ele era simpatizante de Roma. Os guerrilheiros judeus o encontram escondido em um aqueduto do palácio de Herodes e o mataram. Foi uma morte vergonhosa para um homem desprezível.

5. A CONFUSÃO POR CAUSA DA RESSURREIÇÃO (At 23.6-11)

Ao perceber que sua abordagem pessoal não foi bem-sucedida, Paulo usou, em seguida, a abordagem doutrinária. Declarou que a verdadeira questão era sua fé na doutrina da ressurreição, sobre a qual os fariseus e saduceus discordavam energicamente. Paulo sabia que, ao defender essa doutrina importante, dividiria o conselho e levaria os membros a discutirem entre si, e foi exatamente o que aconteceu. A reação foi tão violenta que Cláudio e seus homens tiveram de correr até a sala do conselho e, pela segunda vez, salvar o prisioneiro!

Convocaram 472 soldados para proteger Paulo da multidão enfurecida. A razão disso era que agora aquele prisioneiro (romano) estava sob sua custódia, e como foi preso antes de constatar culpa, poderiam cometer um terrível e desonroso ato contra as leis romanas.

Deus estava usando o grande poder do império para proteger seu servo e, no devido tempo, iria levá-lo a Roma. Paulo voltaria a testemunhar repetidamente a pessoas com as quais jamais teria se encontrado se não fosse um prisioneiro romano. O missionário de Deus chegou a Roma e foram os romanos que pagaram suas despesas de viagem!

O capítulo 27 novamente passa a usar o pronome pessoal na primeira pessoa do plural. O último caso foi em (21.18).

Agora Lucas narra a viagem de Paulo da Palestina à Itália e sua recepção em Roma. A viagem de Paulo para Roma foi turbulenta e perigosa por causa das tempestades encontradas no Mar.

A viagem começou seguindo a costa até Sidom. O próximo porto que deviam tocar era Mira, mas as coisas eram difíceis. O vento que prevalecia nessa época do ano era o vento oeste e só se podia chegar à Mira passando por debaixo de Chipre e remontando a costa em uma rota ziguezagueante.

Em Mira encontraram um barco de Alexandria com destino a Roma. Possivelmente levasse um carregamento de cereais, pois o Egito era o celeiro da Itália. Se olharmos o mapa, veremos a longa volta que tinha que fazer, pois esses fortes ventos do oeste impossibilitavam a viagem direta.

Para zarpar diretamente a Itália poderia ter cruzado o Mar Egeu, mas os ventos não o permitiam, e depois de vários dias de lutar contra eles se escorreu a vento de Creta, e chegou a um pequeno porto chamado Bons Portos.

6. NA JORNADA DE PAULO A ROMA, VEMOS O GRANDE APÓSTOLO EM QUATRO PAPÉIS IMPORTANTES.

- PAULO OFERECE CONSELHO (At 27:1-20)

Havia sido uma viagem extremamente complicada, um presságio do que ainda estava por vir. O centurião precisava decidir se inverniariam em Bons Portos ou se partiriam e tentariam chegar ao porto de Fenice (Fenícia, ver At. 27:12), na costa sul de Ereta, cerca de 64 quilômetros de distância. Sua abordagem a essa decisão é uma ilustração clássica de como não se deve determinar a vontade de Deus. Paulo admoestou-o a permanecer em Bons Portos. Já haviam enfrentado ventos contrários, e era o começo da época de tempestades.

- PAULO OFERECE ENCORAJAMENTO (At 27:21-44)

Como disse Joseph Parker, "Paulo começou como prisioneiro, mas terminou como capitão". O apóstolo "assumiu o controle" da situação quando ficou evidente que ninguém mais sabia o que fazer. Paulo repreendeu o centurião, o piloto e o capitão com brandura por ignorarem sua advertência. Em breve, descobririam que Deus poupou todos eles somente por causa do apóstolo.

- PAULO OFERECE AJUDA (At 28:1-10)

Deus os havia levado à ilha de Malta (que significa "refúgio"), onde a população local recebeu todos os 276 passageiros e procurou acomodá-los da melhor maneira possível. Depois de tudo o que havia feito pelos passageiros, Paulo poderia muito bem ter pedido um trono e exigido que o servissem! Em vez disso, pôs-se a trabalhar, ajudando a juntar lenha para a fogueira.

Paulo e seus companheiros passaram três meses em Malta e, graças à Paulo, foram tratados com bondade e receberam presentes generosos em sua despedida. Os passageiros haviam perdido tudo no naufrágio e ficaram gratos por terem suas necessidades supridas. Lucas não menciona qualquer trabalho evangelístico na ilha, mas podemos crer que Paulo compartilhou o evangelho com todos os que se mostraram dispostos a ouvir.

- PAULO PREGA AOS CRISTÃOS (At 28:11-31)

Não sabemos se todos os 276 passageiros ou apenas Júlio, sua guarda e os prisioneiros embarcaram no navio alexandrino. De Malta a Siracusa eram 130 quilômetros; até Régio, mais 110 quilômetros e cerca de 290 quilômetros até Putéoli, o porto de Nápoles. Dessa vez, o "vento sul" era exatamente o que precisavam, a fim de fazer a viagem com rapidez e segurança.

Em Putéoli, os cristãos insistiram para que Paulo e seus amigos, com Júlio, sua guarda e os prisioneiros, permanecessem ali uma semana para descansar, e Júlio consentiu. O centurião sabia que Paulo havia salvado a vida de todos, e talvez estivesse começando a se interessar por aquilo que os cristãos poderiam oferecer.

Paulo e Lucas a bordo do navio, percorrendo o caminho por terra até chegar a Roma, onde se encontrou com os amigos de Paulo (Rm 16 cita o nome de pelo menos vinte e seis desses amigos). Ou, ainda, talvez uma delegação de Cesaréia tenha viajado para Roma assim que Paulo apelou para César. Júlio e seu grupo pegaram a famosa Via Ápia e percorreram os 200 quilômetros de Putéoli a Roma. O primeiro grupo de cristãos foi ao encontro de Paulo na Praça de Ápio, cerca de 70 quilômetros de Roma; o segundo grupo encontrou-se com ele nas Três Vendas,

a pouco mais de 15 quilômetros da cidade (alguns cristãos vão mais longe do que outros!).

A grande preocupação de Paulo era com seu testemunho aos judeus em Roma. Não haviam recebido qualquer instrução especial sobre o apóstolo, mas sabiam que a "seita cristã" estava sendo criticada em vários lugares (At 28:21, 22). Quando lemos a Epístola de Paulo aos Romanos, temos a impressão de que os judeus em Roma haviam interpretado incorretamente alguns de seus ensinamentos (Rm 3:8; 14:1 ss).

No dia combinado, Paulo passou "desde a manhã até à tarde" explicando as Escrituras e mostrando Cristo na Lei e nos profetas. Havia "procurado persuadir" seus ouvintes judeus dessa maneira, em uma sinagoga após a outra e, agora, compartilhava a Palavra com líderes de várias sinagogas em Roma. Como resultado, alguns foram persuadidos, outros não. Quando os líderes judeus deixaram a casa de Paulo, ainda discutiam entre si! Mas Paulo havia testemunhado fielmente aos judeus em Roma e, em seguida, falaria aos gentios.

Paulo anunciou que a palavra de salvação que alguns dos judeus haviam rejeitado seria proclamada aos gentios, "e eles a ouviram". Trata-se de um dos temas centrais do Livro de Atos: o modo como o evangelho alcançou de judeus a gentios e foi proclamado desde Jerusalém até Roma.

CONCLUSÃO

Sem o Livro de Atos, viraríamos a última página do Evangelho de João, encontraríamos a Epístola aos Romanos e perguntaríamos: "Como o evangelho passou dos judeus em Jerusalém para os gentios em Roma?"

Paulo mantinha as portas de sua casa sempre abertas a qualquer um que desejasse conversar sobre as coisas do reino de Deus. Permanecia acorrentado a um guarda, cujo turno durava seis horas, mas que era obrigado a ouvir enquanto Paulo pregava, ensinava e orava. Não é se de admirar que alguns deles tenham sido salvos (Fp 1:12-14; 4:22)! Durante esses dois anos em Roma, Paulo escreveu as epístolas aos Filipenses, aos Efésios, aos Colossenses e a Filemom. Esperava ser liberto (Fp1:23-27; 2:24; Fm 22), e a maioria dos estudiosos acredita que foi exatamente o que aconteceu.

Ao longo desses anos, teve ao seu lado Timóteo (Fp 1:1; 2:19; CI 1:1) bem como João Marcos, Lucas, Aristarco, Epafros, Justo e Demas (CI 4:10, 14; Fm 24). Também se encontrou com Onésimo o escravo fugido de Filemom e o conduziu a Cristo (Fm 10-21). Epafrodito levou-lhe uma oferta da igreja de Filipos e quase morreu, enquanto ministrava ao apóstolo (Fp2:25-30; 4:18).

Tíquico foi o "carteiro" de Paulo, que entregou as epístolas aos Efésios (Ef6:21), aos Colossenses (CI 4:7-9) e a Filemom.

Lucas concluiu seu livro antes da audiência de Paulo e, portanto, não relata o resultado do julgamento. Temos excelentes motivos para crer que Paulo foi, de fato, liberto, continuou seu ministério, viajando, provavelmente, até a Espanha (Rm15 :24,28). Durante esse período (63-66/67 d.C.), escreveu as epístolas a Timóteo e a Tito. Deixou Tito em Creta (Tt1 :5), Trófimo caiu doente, e Paulo deixou-o em Mileto (2 Tm.4:20) e Timóteo ficou em Éfeso (1 Tm 1:3). Planejava encontrar-se com alguns de seus colaboradores em Nicópolis (Tt 3:12, 13) depois de visitar algumas igrejas que havia fundado. Aonde quer que fosse, procurava conduzir judeus e gentios à fé em Jesus Cristo.

Foi preso novamente, ao que tudo indica, no ano 67 d.C., vendo-se, dessa vez, em uma situação muito diferente. Não permaneceu sob custódia domiciliar, mas ficou acorrentado em uma prisão, sendo tratado como criminoso (2Tm 1:16;

2:9). Uma vez que o inverno se aproximava, pediu a Timóteo que lhe trouxesse sua capa (2Tm 4:13). Porém, o que mais o entristeceu em sua segunda reclusão foi ser abandonado pelos cristãos de Roma (2Tm 4:16, 17).

O grande apóstolo aos gentios foi desamparado pelas mesmas pessoas às quais se dedicou a ajudar. Até mesmo Demas o abandonou, e somente Lucas permaneceu com ele (2 Tm 4:10, 11). A família de Onesíforo cuidou dele (2Tm 1:16-18), mas o apóstolo teve saudades de Timóteo e de Marcos e desejou tê-los a seu lado (2 Tm 1:4; 4:9, 21). Paulo sabia que o fim se aproximava (2Tm 4:6-8). De acordo com a tradição, o apóstolo foi decapitado em Roma em 67/68 d.C.

EXERCÍCIOS

- 1) Por que Saulo passa a ser chamado de Paulo?
- 2) Quem foi o povo que quase matou Paulo a pedradas?
- 3) Qual foi o resumo do relatório de Paulo à Antioquia após sua primeira viagem missionária?
- 4) Qual o motivo deste concílio em Jerusalém?
- 5) Quais as opiniões apresentadas?
- 6) Quais as soluções aprovadas?
- 7) Quais os resultados consequentes?
- 8) Por que Paulo e Barnabé se separam?
- 9) Qual foi a solução no desentendimento entre Paulo e Barnabé?
- 10) Quem se torna o novo parceiro missionário de Paulo?
- 11) Por que Paulo em Filipos não começa a pregar o evangelho numa sinagoga com fazia em todos os outros lugares?
- 12) Quais as duas famílias convertidas que deram origem a igreja em Filipos?
- 13) Por que em Filipos Paulo exige retratação pública da autoridade que o prendeu e o flagelou?
- 14) Qual a resposta do evangelho pregado em Tessalônia, Bereia e Atenas?

- 15) Faça uma descrição resumida das duas escolas filosóficas de Atenas as quais Paulo teve que enfrentar?
- 16) Qual foi o ponto de contato que Paulo utilizou para pregar em Atenas?
- 17) Quanto tempo Paulo ficou em Corinto e como ele foi sustentado lá?
- 18) Qual o caso que auxiliou Paulo tanto no trabalho espiritual como material?
- 19) Por que Apolo sendo pregador eloquente e fervoroso precisou ser instruído pelo casal que Paulo deixou em Éfeso?
- 20) Quanto tempo Paulo ficou em Éfeso e qual foi o resultado do seu ministério ali?
- 21) Por que Paulo seguiu para Jerusalém mesmo depois de tantos avisos sobre a prisão que lhe aguardava?
- 22) Qual foi o benefício da prisão e julgamento de Paulo para o evangelho?
- 23) Em que local está o evangelho pregado por Paulo quando termina o livro de Atos?
- 24) Qual a importância do livro de Atos para a compreendermos a expansão do evangelho?

BIBLIOGRAFIA:

1. EDITORA VIDA. Bíblia Vida Nova. São Paulo: Editora Vida, 2001.
2. EDITORA VIDA. Bíblia de Estudo NVI. São Paulo: Editora Vida, 2008.
3. BÍBLIA DE REFERÊNCIAS THOMPSON
4. BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL
5. JAMES KING. Novo Testamento. Edição de Estudo. São Paulo – Ed. Abba Press, 2007
6. BÍBLIA BOL 3.0
7. BÍBLIA ILUMINIA CD ROW
8. BRUCE, F.F. Novo comentário da bíblia
9. GUNDRY, Robert H. Panorama do Novo Testamento; DOCKERY ED, David. Manual Bíblico Vida Nova. São Paulo, Editora Vida Nova, 2001.
10. MEYER, F B. Comentário Bíblico. BH. Ed. Betânia. 2002.
11. WIERSBE, WARREN W. Comentário Bíblico Expositivo: Novo Testamento - Santo André, SP. Geográfica editora, 2006.
12. Comentário Bíblico Moody
13. WILLIAMS, David J. Novo Comentário Bíblico Contemporâneo ATOS, 1996 por Editora Vida
14. RICHARDS, O. Lawrence. Comentário Histórico Cultural do Novo Testamento
15. GETZ, Gene A. Pastores e Líderes. Ed. CPAD 2004
16. BARCLAY, William. Comentário do Novo Testamento
17. BOOR, Werner De. Comentário Bíblico Esperança. Curitiba: Editora Esperança 2002. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/56381578/Joao-Comentario-Esperanca>>

--- CITERJ ---

Centro Interdenominacional de Teologia do Estado do Rio de Janeiro

Um órgão da AECB

CONTATOS

www.citerj.com.br - citerjaecb@gmail.com

WhatsApp: (21) 972021059 – (21) 99776 9825 (21) 967155926

Proibido a reprodução e cópia sem autorização do CITERJ